BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1938

ANNO VII

N.° 9

ESCREVEM NESTE NUMERO:

ADEMAR VIDAL — BENJAMIN DE GARAY — CORREIA DE SÁ
DOMINGOS RIBEIRO FILHO
EDGAR CAVALHEIRO — GASTÃO VIEIRA
HENRIQUE CARSTENS — INDÁ S. CASANOVA
JAYME SISNANDO — JOÃO CORDEIRO — JORGE DE LIMA
MARIO BORGES DA FONSECA
MARQUES REBELLO — NEWTON BELLEZA
SERGIO SOARES — WILSON RODRIGUES

NESTE NUMERO:

Secções de:

MUSICA e DISCOS

—

"A INFANCIA DE CHALIAPINE"

(Das memorias do artista)

NESTE NUMERO:

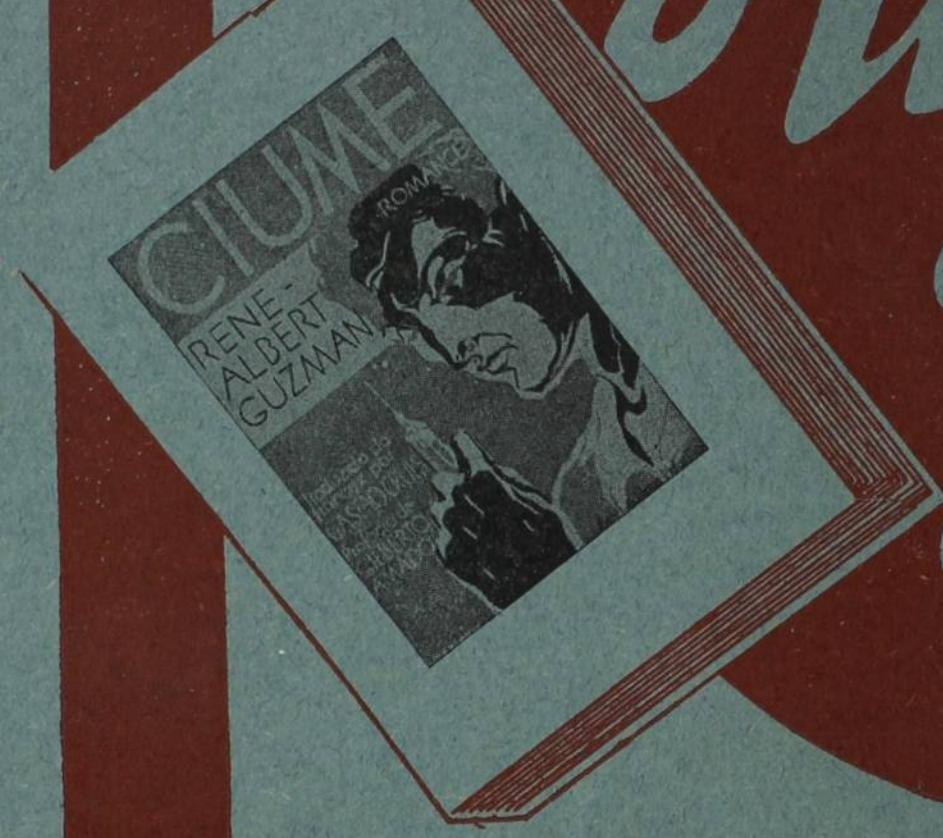
"A ILLUSÃO DO CÉGO"
Conto inédito de
MARIO SETTE

—

"SOBEJO DA COBRA GRANDE"
Conto amazonico de
PEREGRINO JUNIOR

PREÇO PARA TODO O BRASIL: 2$000

O livro do dia!



5.ª EDIÇÃO (12.000 exemplares)

DE UM PRODIGIOSO RO-

MANCE DE AMOR E CIUME

QUE SE TORNOU O MAIOR

SUCCESSO DE LIVRARIA

DOS ULTIMOS TEMPOS.

SEQUANA ■ O MELHOR LIVRO FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de annunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituido por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Chaumeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista,* director da *Revue Française du Bresil;* Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio;* Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Lettras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de lettras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscripção

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou remettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranchefil et signet soie.

Rs. 300$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au croix).

Rs. 380$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM) .....

ADRESSE .....

VILLE ..... ETAT .....

dèclare souscrire à ..... abonnement ..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à **160$000** broché

B à **300$000** relié plein cuir

C à **380$000** relié cuir luxe fauve, bleu rouge

D ã **500$000** relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres .....

Je vous envoie ci-joint par chéque, par mandat-postal, par lettre chargée,

p. porteur. la somme de ..... $ ..... montant de ..... abonnement .....

Signature .....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20 % sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despezas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — **Problemas do Ensino Medico e de Educação** .. .. 10$000
Edson Lins — **Historia e Critica da Poesia Brasileira** .. 10$000
Stendhal — **Do Amor** (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá) .. .. 15$000
Estudos Afro-Brasileiros .. .. 12$000
F. Contreiras Rodrigues — **Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial** .. .. 12$000
Paulo Prado — **Paulistica** — Historia de São Paulo 2ª edição augmentada .. .. 6$000
Agrippino Grieco — **Estrangeiros** ..... 8$000
" " — **S. Francisco de Assis e a Poesia Christã** .... 8$000
" " — **Evolução da Prosa Brasileira**.... 10$000
Gilberto Amado — **Espirito do nosso Tempo** — 2ª ed. 5$000
" " — **Dias e horas de vibraçao**..... 5$000
" " — **A Dansa Sobre o Abysmo** ..... 7$000
Miguel Ozorio de Almeida — **A Vulgarização do Saber** 7$000
V. de Miranda Reis — **Ensaio de Synthese Sociologica** — 2.ª edição augmentada ..... 8$000
Renato Kehl — **Como Escolher um bom Marido** — 2.ª edição .. .. 4$000
Octavio de Faria — **Destino do Socialismo** ..... 10$000
Luc Durtain — **Imagens do Brasil e do Pampa** — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2.ª edição 6$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — **Vertigem** — 2.ª edição .. .. 6$000
Gastão Cruls — **A Amazonia Mysteriosa** — 4.ª edição 6$000
Iago Joé — **Bagunça** ..... 6$000
Cornelio Penna — **Fronteira** .. .. 6$000
Graciliano Ramos — **S. Bernardo** .. .. 6$000
Lucia Miguel Pereira — **Em Surdina** .. .. 7$000
Miguel Ozorio de Almeida — **Almas Sem Abrigo** .. 7$000
Flavio de Carvalho — **Os Ossos do Mundo** ..... 7$000
Victor Axel — **Germana** ..... 5$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — **O mysterio de um morto** ..... 5$000
" " — **O cão amarello** ..... 5$000
" " — **Um crime na Hollanda** ..... 5$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — **Velorios** ..... 6$000
Roquette Pinto — **Samambaia** ..... 6$000
Marques Rebello — **Tres Caminhos** ..... 5$000
Gastão Cruls — **Coivara** ..... 7$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — **Ciume** — 5.ª edição ..... 6$000
J. Kessel — **Luxuria** — 4.º Milheiro ..... 6$000
T. S. Matthews — **A Caminho da Forca** ..... 6$000

POESIA

D. Milano — **Antologia de Poetas Modernos** ..... 6$000
Maria Eugenia Celso — **Fantasias e Matutadas** ..... 6$000
Murilo Mendes — **Historia do Brasil — Philosophia humoristica** . . .. 5$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — **O Caso Pontes Visgueiro** .... 6$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora .... 5$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — **Sociedades Cooperativas** — 4.ª edição — br. . . .. 15$000
Trajano de Miranda Valverde — **Sociedades Anonimas** 1 vo l.— br. ..... 50$000
Trajano de Miranda Valverde — **A fallencia no direito brasileiro** — 1.ª Parte, Vol. I — br. ..... 30$000
Trajano de Miranda Valverde — **A fallencia no direito brasileiro** — 1.ª Parte, Vol. II — br. ..... 25$000
Trajano de Miranda Valverde — **A fallencia no direito brasileiro** — 2.ª ,3.ª e 4.ª Parte, Vol. III br. .... 30$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — **Vocabulario Tupy-Guarany** .... 7$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — **Tests** 10$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — **A Origem do Mundo** — (1.º vol. da collecção: "Historias do Tio João") ..... 8$000

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — **Roteiro das Mães** (Alimentação da Creança) — 1.º vol. ..... 6$000

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — **A mão e Seus Segredos** — 3ª edição augmentada . . . . 10$000

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — **Lampeão** ..... 6$000

CULINARIA

Maria de Lourdes — **Arte de cosinhar (Petiscos e Petisqueiras)** — 1.350 receitas — 2.ª edição — vol. cart. 14$000

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — **Ouro ou Dinheiro?** e **O Enigma do Dinheiro** ..... 3$000
Alfredo Manes — **Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro** ..... 10$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad. ..... 45$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad. ..... 45$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad. ..... 45$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad. ..... 45$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad. ..... 45$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:
Gastão Cruls
REDACTOR-CHEFE:
Agrippino Grieco
GERENTE:
João Teixeira Soares Neto
SECRETARIO
Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18$000
Registrada	24$000
EXTERIOR	
Simples	22$000
Registrada	28$000
Numero avulso	2$000
Numero atrazado	3$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — *Sra. Picard-Loewy* — Paris
Em Portugal — *Sr. Osorio de Oliveira* — Lisbôa
No Rio Grande do Sul — *Sr. Paulo Arinos* — P. Alegre
Em S. Paulo — *Dr. Wladimir Malheiros* — S. Paulo
Em Minas Geraes — *Dr. Guilhermino Cesar* — Bello Horisonte
Em Pernambuco — *Dr. Aderbal Jurema* — Recife
Na Bahia — *Dr. Aydano Couto Ferraz* — Bahia
Em Alagôas — *Dr. Raul Lima* — Maceió
Na Parahyba do Norte — *Dr. Adhemar Vidal* — João Pessôa
No Ceará — *Sr. Affonso Banhos* — Fortaleza
No Pará — *Dr. Gastão Vieira* — Belém
No Amazonas — *Dr. Araujo Lima* — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE:
ARIEL, EDITORA LIMITADA
Rua 7 de Setembro 162—1o.
Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"
RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO "BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás lettras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDIÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encommendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40$000 cada volume. As encommendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs..... para que seja remettida uma assignatura annual do *Boletim de Ariel*, ao seguinte endereço e a partir do mez de..... .....

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO .....

Córte e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz *desde que esta possua* o serviço de « *vales postaes* » em sua Agencia do Correio.

B — Os livros serão remettidos em qualquer quantidade.

C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.

D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.

E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.

F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao « Serviço de Reembolso » que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.

G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.

H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo « Serviço de Reembolso ». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

(Nome e endereço completo, bem legiveis)

.....

.....

.....

Anno VII — Junho 1938 — N 9

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR
Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE
Agrippino Grieco

O LYRISMO DOS NEGROS

A mythologia negra de Manhattan elevou Dixie ao mais alto sentido de ventura. E' a terra preta da America onde o soffrimento creou uma alma e essa alma construiu um mundo de felicidade. Dixie é como a nossa Bahia de Todos os Santos e de Todos os Peccados.

A escravidão da raça transformou lentamente a raça. Purificou e aperfeiçoou o espirito através da sensibilidade. Assim se tornou melodiosa a alma do negro em tudo em que põe um sentido de creação. Elle se revelou foi nas Americas. Nem na Africa teve ainda opportunidade para demonstrar a riqueza sentimental de que é superiormente dotado.

Como que esses exilados sabem ser mais puros. E' que trazem dentro de si e para sempre a visão da terra abandonada. Aquella que ficou do outro lado e que o oceano impede e separa. O soffrimento operou o milagre.

A melodia americana está toda dentro do negro. Este é a alma do novo mundo. A saudade ancestral canta todos os sonhos. E a terra madrasta se tornou acustica e ressonancia. O sangue correndo de pés chatos; sangue que fecundou o chão; creou os extensos algodoaes; a lavoura da canna de assucar; movimentou os engenhos; serviu aos Senhores; viveu nas senzalas.

Entanto a dôr, que é a grande força realizadora, deu poesia, deu lyrismo e ahi está o resultado fulgurante: a musica mais expressiva é a negra; os cantos mais sensiveis são os de origem negra. São «tunes» sincopadas ou «blues» cansados. Gemidos de alma doente com uma lentidão que a sonoridade dulcifica.

Outras vezes essa alma ri desarticuladamente. E' o «charleston», é o côco, o «black-bottom». A alegria se mistura com a dansa e os cantos estridentes. Voz dos poetas negros, a unica voz verdadeira, a mais autorizada symphonia americana.

Deixa-me entrar sozinho na fornalha:
Fica tu para fóra, com mêdo do calor.
Irei todo nú — porque assim é que é bom —
Até ás perversas profundidades da zona mais ardente.
Não estremecerei no mais fragil dos meus ossos
Não notarás em mim qualquer signal de derrota;
Meu coração não tremerá por encontrar o seu destino.
Nem minha bôcca resmungará qualquer lamento.
O fôrno escancarado lança lanças de fôgo;
Rubras linguas serpentinas gritam, sem palavras, o meu nome.
O desejo destróe, consome os meus mêdos mortaes
Transformando-me numa imagem de chamas.
Eu terei, quando voltar ao teu mundo de lagrimas,
Uma alma mais forte, num corpo mais modelado.

Estes versos de um grande orgulho e de um profundo sentimento têm o nome de «Baptismo» e pertencem ao negro da Jamaica Claude Mackay. Claude vive em New York. Ha outro poeta por sua vez delicioso, Jean Toomer, de Washington, negro retinto, e cujos versos correm mundo de tão celebres que são. Os seguintes, por exemplo, são conhecidos pela denominação de «Rosto».

Cabellos:
Cinzentos-prateados
Como torrentes de estrellas;
Sobrancelhas:
Canôas recurvas
Balançadas pelas vagas sopradas pela dôr;

Seus olhos:
Nevoa de lagrimas
Condensada no fundo da carne;
E os seus musculos esfriados
São cachos de uvas de tristeza
Arroxeados pelo sol da tarde
E quasi maduros para os vermes...

Countee Cullen conta apenas 27 annos, reside em New York, já escreveu varios livros e o seguinte poema, «Para uma senhora branca», é de sua lavra.

Ella chega a pensar que, lá no céo,
A gente da sua classe deita-se tarde e ronca,
Emquanto os pobres querubins negrinhos levantam-se [ás sete,
Para fazer todos os serviços domesticos celestiaes...

Observa-se nos versos acima a ironia cortante do negro deante da estulta arrogancia e supremacia do branco. E' a melhor forma e a mais duradoura das formas de vingança se fazer ironia escripta que expresse bem um sentido de despreso.

Tambem pertence a Cullen este emocionante poema a «uma negrinha morta».

Vejo duas rosas brancas sobre o seio,
E velas á sua cabeceira e a seus pés,
Negra Madona do tumulo, ella descança,
A Senhora Morta achou-a linda.
Sua mãe empenhou o annel de casamento
Para arranjal-a assim, toda de branco,
Ella ficaria vaidosa e havia de dansar e de cantar
Se pudesse ver-se, esta noite...

Porém o maior poeta americano da raça afri-cana é o famoso Langston Hughes. Os seus grandes successos são maiores do que os obtidos no Brasil por Cruz e Souza e Castro Alves.

O mundo inteiro sabe de cór estes notaveis e admiraveis versos intitulados «Eu tambem». E' longo mas basta traduzir isto.

Eu tambem canto a America.
Eu sou o mais moreno dos irmãos.
Elles mandam-me comer na cosinha
Quando chegam visitas,
Mas eu rio,
Como bem
E fico forte.
Amanhã,
Eu me sentarei á mesa
Ouando vierem visitas
E ninguem ousará
Dizer-me,
Então:
«Vae comer na cozinha!»
A contrario: elles verão como estou bonito
E ficarão envergonhados.
Eu tambem sou a America.

Ainda são de Hughes os versos que se seguem, nos quaes se poderá sentir a profundidade dos sentimentos ethnicos. Sentimentos que não morrem e que nos poetas se tornam soluços desfallecentes de alma.

Conheci rios:
Conheci rios antigos como o mundo
e mais velhos do que a onda do
sangue humano nas veias humanas.
Minha alma tornou-se profunda como os rios.
Banhei-me no Eufrates quando as auroras eram moças.
Construi minha cabana perto do
Congo, e elle cantarolou para eu dormir.
Olhei para o Nilo e sobre elle edifiquei as pyramides.
Ouvi a cantiga do Mississipi quando
Abe Lincoln desceu para Nova Orleans,
e vi o seu seio turvo todo de ouro no poente...
Conheci rios:
Rios antigos e sombrios.
Minha alma tornou-se profunda como os rios.

Alguem já disse que o negro é a alma do branco. Sem duvida que o é. Ninguem mais sentido no amôr. O poder de caracter absorve e domina. Os nossos melhores poetas se não são negros são mestiços de cabello não néga.

A civilização continental tudo deve ao regime da escravidão. Não foi um mal. Ou melhor: foi um mal que veiu para o bem.

A nossa musica e a nossa dansa, todas as nossas variedades de arte soffreram a influencia decisiva da raça preta, mostrando caracteristicos inconfundiveis. Até no andar e no riso do norte-americano os scientistas provam a marca registrada do negro.

E a verdade é que quando a gente escuta a voz de todos esses poetas morenos se acha a si mesma, numa communhão de almas iguaes.

ADEMAR VIDAL.

KALEIDOSCOPIO

Para Sergio Soares.

O poeta contemplou o céu,
viu o rastro de fogo da estrella,
leu na cabelleira da nebulosa
a chegada de um novo cometa.
Do mar lhe vinham vozes extranhas
de marinheiros sem tumbas,
de caravellas desconhecidas
misturando-se com os gritos de vingança
dos craneos dos prophetas.
O vento lhe contava historias de medo.
A paizagem era núa,
e, talvez, um cactus chorasse!...
Rasgava então
um mundo de illusão
que soffria tambem
e confundia-se com elle.
Sentia a rebellião do começo
e a ansiedade do insatisfeito.
Via as negras tranças de Raquel,
quiz provar dos beijos da mulher,
mergulhou no nirvana dos sonhos
e sentiu que lhe faltava o infinito.
Alargou então o pensamento
e viu que dominava a carne,
nova historia iria começar
e que agora sobre planicies e cumes
por toda parte, poderia sentir-se
sob um céu de anil,
ouvindo a musa dos seus sonhos
que morava nas nuvens!

WILSON RODRIGUES.

— *Bruges* esteve muito tempo em moda aqui no Brasil, graças especialmente á geração gaúcha de que faziam parte Felippe d'Oliveira, Homero Prates, Alvaro Moreyra e Eduardo Guimaraens. Pois a cidade dos canaes silenciosos, a cidade que inspirou algumas paginas emocionantes a Rodenbach, vem de ser mais uma vez relembrada em volume de Camille Mauclair.

A Questão Shakespeare

Sou um sincero admirador do illustre homem de lettras potyguar Luis da Camara Cascudo. Tenho, sempre, grande satisfação em ler a sua collaboração no *Boletim de Ariel,* pois muito me agradam o seu estylo e os assumptos, onde bem se pode notar a sua excellente cultura.

Por isso foi com immenso prazer que li o seu ultimo trabalho, publicado no Boletim de fevereiro ultimo, sobre o *Mysterio de Shakespeare*. Esse thema, que tem preoccupado tantos intellectuaes, é, já, velho e revelho. Se não estou em erro, creio que ha uns noventa annos se discute a «questão Shakespeare», que pode ser resumida em poucas palavras: Shakespeare é ou não um testa-de-ferro de Francis Bacon, ou de Monners de Rutland, ou de Stanley, conde de Derby, ou do conde de Southampton?

O sr. Camara Cascudo discute com proficiencia o caso famoso, transcrevendo opiniões de respeito para deixar bem claro que Shakespeare nunca foi o homem de genio que concebeu e escreveu *Macbeth, Romeu e Julieta* e outras obras notaveis até hoje admiradas. Todos aquelles «grandes» que se valiam de William Shakespeare para lhes assignar as producções, como parece certo, que interesse teriam em proceder de tal modo? Afora *Richard II,* que enfureceu a rainha, e que obrigou os poetas-fidalgos a arranjar um «homme de paille» para despistar a soberana, que vantagem havia em não assignar dramas ou outros escriptos em que toda gente reconhecia merito invulgar? Ahi é que o caso fica, na verdade, mysterioso. A mim me parece que os Condes de Southampton e de Derby, Rutland, ou Bacon, tinham, como escriptores, tanta valia como o «obscuro actor» William Shakespeare. Por certo já havia, naquelles idos, a mania de querer ser litterato. Mas, homens da côrte, receiosos de serem um dia descobertos, e sem talento, copiavam, plagiavam aquellas paginas immortais, e faziam o pobre Shakespeare assignar. O testa-de-ferro se encarregava, elle proprio, de espalhar... em segredo, quem era o autor ou eram os autores. De qualquer modo, o que julgo estar bem provado, é que, quer se trate dos fidalgos ou de Shakespeare, toda a obra foi plagiada, semcerimoniosamente pilhada.

Malone, critico inglez, mostrou que dos 6.043 versos que escreveu Shakespeare, só 1.899 lhe pertencem, sendo os outros copiados de escriptores contemporaneos ou anteriores. A divertida figura do cavalheiro Falstaff é furtada da velha peça *Sir John Oldcastle*.

Robert Greene, em um pamphleto vindo á luz em 1591 contra Shakespeare, referindo-se a esses «bonecos que repetem as phrases saidas das nossas boccas», recommendava a Marlowe, Peele, e Lodge que «desconfiassem delles, porque, entre elles, ha um aventureiro, um corvo enfeitado com as nossas plumas, que, com o seu coração de tigre recoberto com uma pelle de actor, *se croit aussi habile à gonfler un vers blanc que le meilleur entre vous*».

De Saxo Grammaticus foram tiradas muitas scenas para o *Hamlet,* de Luigi da Porto, todo o scenario de *Romeu* e *Julieta,* e de Bandello a *Megera domesticada*.

Em *William Shakespeare,* Victor Hugo escreveu: — «Il pille l'«Arcadie» de Sidney; il pille l'anonyme de la «True Chronicle of King Lear»; il pille a Rowley, dans «The troublesome reing of King John» le caractère du bâtard Falconbridge».

O inglez John Robertson sustentou que a grandeza e o genio de Shakespeare figuram virtualmente nos *Essais,* de Montaigne, traduzidos para o inglez no seculo XVI por Giovanni Florio.

Ha em um dos capitulos dos *Essais*, o que tem por titulo *Cannibaes,* uma republica ideal, onde os homens todos seriam ociosos, as mulheres puras e innocentes, onde não haveria magistrados, nem propriedade, nem pobreza, nem riqueza, que está inteira, na *Tempestade,* na bocca de Gonzalo.

Onde estará a «méchante corneille revêtue des plumes du paon?» Entre os fidalgos, ou será o proprio Shakespeare? O mysterio continuará. Mas, de qualquer modo, trata-se de plagiadores, pouco importando que Shakespeare fosse, apenas, um *prêtenom*. A questão é saber plagiar. Póde-se furtar, como dizia La Mothe Le Vayer, como as abelhas, — como as formigas, nunca. O subtil Anatole France, que plagiou não poucas vezes, distinguia: — «Uma situação pertence não a quem a achou em primeiro, mas a quem a fixou fortemente na memoria dos homens».

No «Dictionnaire historique et critique», Pierre Bayle assim define o plagio: — «c'est enlever les meubles de la maison et les balayures, prendre le grain, la paille, la balle et la poussière en même temps». «Venos e Adonis» vindos á luz em 1593, poema dedicado ao Conde de Southampton, era qualificado pelo proprio autor «first heir of my invention», — e já uns seis trabalhos com a sua assignatura estavam publicados. Tem razão o escriptor no titulo do seu trabalho: — a questão Shakespeare é um mysterio.

GASTÃO VIEIRA.

— A *Histoire de France*, da senhorinha A. de Beaucorps e de P. Heinrich, esforça-se em transmittir aos meninos o gosto de textos que exaltem a velha França. São os grandes nomes, as grandes datas do paiz que deu Jeanne d'Arc, postos em fóco por dois collaboradores que sabem sempre accrescentar coração ás memorias do passado.

SILENCIO TRISTE

Vento, vento
triste, triste
silencio o vento me traz
o vento leva silencio.

Tua voz dispersa está
que o trem soffrendo levou
minha dôr se descobriu
meus olhos se marejaram
olha as janellas distantes
outros pontos doloridos
são janellas.

Tão fundo neste silencio
ouço anjos soluçarem
no carroussel andaremos
ouvindo as vozes do céu.

São dôres, são mães, são filhos
são aleijados e cégos
nas escadas da estação
são navios se afundando
no vento as velas dansando
são o ridiculo e a piedade
tristeza, melancolia
dois poetas passeando.

HENRIQUE CARSTENS.

Sobre a complexidade de Augusto dos Anjos

(TRECHO DE ENSAIO)

Augusto dos Anjos é daquelles poetas em quem a necessidade de resolver o seu proprio problema, de se encontrar em si e realizar a sua personalidade authentica, marcou toda a obra com uma caracteristica nitida de ancia e de confidencia. (Nada, comtudo, da confidencia á maneira dos romanticos, em que geralmente há o sabôr melancholico da resignação e do desalento; a confidencia de Augusto dos Anjos é, pelo contrario, a do constante revoltado; na sua poesia ha gritos de dôr, amargura, feroz soffrimento — mas não ha uma só lagrima.) Caracteristica aquella, de resto commum a quasi todos os poetas, pelo menos aos que o são sinceramente, aos em quem a poesia realiza a perfeita missão de expressão da alma e da mais essencial vida interior. Comtudo, em Augusto essa finalidade de procura e realização é evidente, continua em cada poema, em cada verso. A interrogação existe de principio a fim ao longo de toda a sua obra; quando o poeta se dispersa e integra em todas as formas de existencia, da mais humilde e embryonaria á mais elevada e completa, quando elle se dissolve e percorre toda a immensa variedade cosmica — para tudo procurando a justa e ultima explicação, não é simplesmente o universo que lhe interessa conhecer, mas dentro do conhecimento do universo, o conhecimento de si proprio: da sua fundamental personalidade, ou melhor, do seu destino. Não explica e reconstroe o universo: interroga-o sobre si, sobre elle — Augusto dos Anjos.

A unidade ou personalidade consciente do poeta que o conduz emquanto homem vulgar na sua actividade não poetica, será como que o ponto de partida para aquella busca de si proprio, da verdadeira unidade essencial, remota e primitiva, da pura essencia da sua energia creadora e do seu destino transhumano.

Esse é o ponto de partida. O caminho, o difficil *mârga* poetico que leva ao eu authentico, é o mundo e a complexa existencia universal. A procura do nosso eu profundo, do eu *quem sou*, é vã num sentido restricto de verticalidade, para dentro, para o fundo; é necessario conjuntamente um sentido de procura horizontal e zenithal, para fora, para uma integração no mundo exterior.

«Il faut se perdre pour se retrouver.» Palavas de Fenelon que seriam aproveitaveis para exprimir o infallivel phenomeno de dispersão como meio de attingir a unidade fundamental. Não é perder-se em si e reecontrar-se em si; é disseminação no universo circumdante do ser em apparencia uno, idealmente regressando á real unidade originaria.

E' esse o paradoxal destino do poeta: perder-se porque se procura, e ter que se afastar de si para tentar o encontro consigo mesmo. Fugir da sua apparente personalidade, da sua physionomia de superficie quando homem vulgar, para, se não completamente, frente a frente, pelo menos se approximar da sua personalidade verdadeira e fundamental. O numero infinito de pessoas diversas que ha dentro de si, são sombras de uma unica pessoa que se projectam na sua consciencia, em contornos e formas differentes, conforme o momento, a circumstancia, o estado humano e o estado poetico. São sombras ou reflexos inalliaveis duma só figura, dum só corpo real.

E são os obstaculos de encontro aos quaes se vae quebrando e tornando inutil o esforço heroico do poeta.

Dahi o mundo complexo, por vezes confuso e cheio dos mais duros contrastes que Augusto dos Anjos creou e a que nos transporta. Profundos e tenebrosos abysmos cavados e tornados visiveis por subitos relampagos de intensissima luz, eis uma possivel imagem do primeiro aspecto que a sua obra nos offerece. Successivamente treva densa e claridade reveladora é toda a poesia de Augusto dos Anjos. Ora nos perde em abstrusos mysterios de caminhos e symbolismos estranhos a que elle proprio se não pode furtar, ora se nos confessa e mostra na maior clareza e nudez.

Nada nesse poeta maravilhosamente sincero é forçado ou deformado pelo prazer de occultar ou enfeitar a verdade. O conjunto dos seus poemas constitue uma bella e o mais possivel completa confidencia do seu drama intimo; se tantas vezes a nossa compreensão encontra obstaculo em mysteriosas imagens, em themas aparentemente vagos, não é de fantasia e de estylo puramente formal que nos devemos queixar; a nossa queixa será a mesma que foi talvez a delle proprio, algumas vezes desesperada-

Apparecerá por todo este mez em edição ARIEL

um novo livro de

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(CONTOS)

com o seguinte sumario:

Contas brabas — Mãe d'Agua — Arrependimento
Meu sosia — Cartas de outro naipe — A patativa
Circuito da Gavea — Indicação — O espelho
Do outro lado — Fauna exotixa — Fim de viagem

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA 7 DE SETEMBRO, 162

RIO

mente incapaz de para si exprimir a complexidade tragica do seu destino. Vejam-se os dois tercetos do soneto «Trevas»:

Ha-de a Terra vibrar na ardencia infinda
Do ether em branca luz transubstanciado,
Rôtos os nimbos maus que a obstruem a esmo...

A propria Esphinge ha-de falar-vos ainda
E eu, somente eu, hei-de ficar trancado
Na noite aterradora de mim mesmo!

E' uma caracteristica da poesia o uso das imagens. E como evital-as se é precisamente em imagens que o poema nasce e se desenvolve? Bergson define o poeta como «...celui chez qui les sentiments se developpent en imagens...» E accrescenta: «En voyant repasser devant nos yeux ces images, nous éprouverons à notre tour le sentiment qui en était, pour ainsi dire, l'équivalent émotionnel.»

Não nos queixemos, pois, como já alguns o têm feito, de voluntaria difficuldade e de excessos de méra forma em Augusto dos Anjos. Não é voluntariamente que elle se exprime, algumas vezes, por maneira á primeira vista vaga e susceptivel de vários sentidos; não é por prazer insincero de simples artista da palavra, que os seus pensamentos se traduzem, num ou noutro soneto, por fórma excessivamente opulenta e figurativa. E' necessario procurar na imagem aquelle equivalente emocional, e comprender a estreita e infallivel concordancia que entre ambos existe.

Todos os sonetos e poemas de Augusto dos Anjos são a historia da sua vida interior, do seu conflicto humano e poetico; apenas essa historia, sem perder em nada a sua continuidade, nos é contada em imagens, em themas que são outras tantas imagens por corresponderem ás emoções e á realidade intima que o poeta viveu. E Augusto dos Anjos conta-nos a sua historia nos mesmos termos em que a si proprio foi obrigado a contar.

A historia dos poetas, quem a sabe inteira e sem falhas, quem a pode dizer e quem a pode ouvir sem nella encontrar a cada passo grandes claros de duvida e de hesitação? Nem o proprio poeta que a sente viver dentro de si, que a vive, a si mesmo a saberia contar de ponta a ponta sem tantas vezes se confessar vencido por esse tremendo mysterio que é a nossa realidade intima. Realidade que nos conduz, que dirige todos os nossos gestos de tristeza e de alegria, a que continuamente estamos sujeitos, e que se nos furta, que nos foge e de nós se esconde, apenas nos dando a ver boccados de probabilidades, de incertezas, troços de caminhos por onde nos aventuramos para quasi sempre nos perdermos, e para nunca irmos até ao fim.

E' a desordenada e afflicta perseguição pelo labyrintho de mil caminhos desconhecidos, é o diario obscuro dessa viagem sem rumo certo, o que o poeta nos offerece nos seus versos. Depois de recolhida a mensagem que elle nos deixa da sua exploração em si mesmo e no mundo, nada delle se nos mostra completo; tudo são fragmentos soltos, bocados arrancados, mutilados, e nunca esculpidos em forma contínua.

Na poesia de que o poeta procure fazer a sciencia da sua intimidade, tudo são tentativas, tudo são gestos que nunca se completam, de alcançar e colher qualquer coisa; porque a grandeza do poeta, a sua gloria, é exactamente o não poder attingir nunca o final de si mesmo.

Só as vidas mesquinhas, sem um ideal acima dos pequenos desejos e das pequenas victorias do mundo, conseguem realizar-se; as vidas anciosas de mais verdade, de mais belleza, são como o fogo que a si proprio se destroe: ergue-se constantemente na direcção do ceu, luz á procura de mais luz, e tomba em plena ascensão queimado e vencido pelo proprio esforço das suas chammas.

A morte do poeta é só a morte do seu corpo; a sua obra fica sempre inacabada, em eterna «continuação»; e na mente do poeta vai sempre aquele increado «Ultimo Numero» que se abeirou de Augusto dos Anjos agonizante, quem sabe se para lhe continuar ainda para alem da morte o doloroso drama que lhe foi a vida inteira:

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A Idéa estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Ultimo Numero cansado.

Era de vel-o, imovel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fora da sucessão, extranho ao mundo,
Com o reflexo funebre do Increado.

Bradei: — Que fazes ainda no meu craneo?
E o Ultimo Numero, atro e subterraneo,
Parecia dizer-me: «E' tarde, amigo!

Pois que a minha autogenita Grandeza
Nunca vibrou em tua lingua presa,
Não te abandono mais! Morro contigo!»

MARIO BORGES DA FONSECA.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & Cia.
(Livreiros Editores e Importadores)
RIO DE JANEIRO
166 — Rua do Ouvidor — 166
End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658
FILIAES:
Rua Libero Badaró n. 49 São Paulo
Rua da Bahia n. 1502 Bello Horizonte

APOLOGOS AO LEO

I

Não Fumes!

— E sobretudo, não fume; abandone o cigarro; deixe este vicio sujo e nefasto, dispendioso e incommodo.

Após um furioso accesso de tosse, recostei-me, recuperei lentamente o rythmo da respiração, e recordei-me daquellas palavras que me foram ditas havia talvez quinze ou vinte annos antes por um excellente medico e bom amigo.

Sim, era preciso deixar este vicio. Puz-me a pensar em coisas varias, olhei a estante de livros já todos lidos e retornei a considerar os conselhos do meu amigo. Preciso era meditar sobre o assumpto; e, porque essa meditação devesse ser o encaminhamento para resolver definitivamente o caso, tomei de um cigarro, accendi-o e reflecti:

— Miseravel vicio, vicio assassino! Aqui está o resultado: uma bronchite impertinente e uma asphyxia continuada.

Com outra baforada continuei:

— Si eu me decidisse ao suicidio, ao menos por intelligencia devia escolher um meio mais efficaz e mais rapido.

Outra baforada:

— Comecei a fumar por imitação, depois por elegancia e afinal por vicio. Três etapas da mesma marcha para o soffrimento.

Mais uma tragada:

— Que idiota! E não sou apenas um idiota; peor ainda, não tenho força de vontade...

E tragando mais:

— ...não tenho caracter!

Fiz o esboço de um gesto para arremessar pela janella o cigarro fumado pela metade:

— Vamos até o fim! Será o ultimo!

Não posso explicar porque (talvez não tenha querido explicar) lembrei-me de uma das minhas noites de bohemia. Luzes, flores, joias, plumas, mulheres, musica ,amigos, canções e... rôlos azulados de um charuto emocionante.

— Ah! sem aquelle pito eu não teria comprehendido nada do esplendor daquellas noitadas fantasiosas.

E já no fim do cigarrinho:

— Como é possivel viver eu ainda hoje, velho e triste, após o periodo maravilhoso que foi toda a minha vida de artista, de bohemio, de intellectual?

E tossindo... tossindo:

— Tudo me fugiu na vida: vinho, amigos, flôres, musicas e mulheres! Só o cigarro me ficou, fiel, constante, amigo em dias de esplendor viril e agora amigo ainda na éra da decadencia, a me acalmar estes meus nervos enfermos e a me matar... sim, porque como e para que viver?

* * *

Toda esta litteratura, para justificar o vicio.

Casualmente vejo em frente um catalogo de livraria «Legislação» — «Jurisprudencia» — «Religião» — «Moral» — «Psychologia».

São talvez mil volumes.

Toda essa bibliotheca para justificar o crime.

II

O Relogio

A violencia e a subitaneidade da pancada de chuva obrigaram-me a refugiar-me momentaneamente na portinha da loja em que trabalhava o relojoeiro do bairro. Era um pardo, meão de estatura e de idade, com a meia paciencia e a meia myopia da profissão.

— Quer sentar-se? — perguntou-me.

— Obrigado. A chuva não dura muito.

— Uma hora... quem sabe? Si se cansar, sente-se um pouco.

— Pois sim.

Olhei a installação, variada, curiosa, pobre. Nada de novo; nada excepto uma pequena caixa de charutos em que havia uma indestrinçavel montoeira de peças de ouro, de prata, de nickel, de cobre, de crystal, rodinhas, rodelas, espiraes, ponteiros, balancins, de tudo quanto, afinal, devia compor uma dezena, ao menos, de relogios de algibeira. Coisas de reforma: toda reforma dá nisso.

Ao notar a minha curiosa attenção, o relojoeiro disse:

— Os ossos do officio. Ahi está uma riqueza e uma miseria.

— Mas muita coisa que disse se aproveita...

— De certo; por substituição. E o que não se aproveita, se empilha, se avoluma. O interessante, porém, desses destroços, o sr. não pode perceber.

Olhei-o interrogativamente: — Sorriu:

— E quasi tudo isto provém de um freguez que é maluco.

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14$000

PEDIDOS Á

Civilização Brasileira S\A

Rua 7 de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO

— Um bom freguez, portanto — disse eu com malicia.

— Nem tanto, porque paga mal, paga irregularmente e se revolta contra mim.

— Curioso!... — Disse eu.

— Curiosissimo! — accrescentou. — Revolta-se contra mim, accusa-me de incompetente e acha que eu não posso comprehender o que elle quer.

— Que pode elle querer? Si o relogio funcciona bem... —

— Todos os seus relogios andam macios como os astros no espaço, e tão exactos como o meridiano do Observatorio.

— E então?...

— Então é que... Elle cismou que os relogios devem andar para atraz!

— E' enorme!

— Enormissimo! Elle compra o relogio. Examina-o. Abre-o. Remexe-o. Tira peça por peça. Recolloca tudo de novo. Dá corda; e o relogio marca as horas como os outros. O homem se enraivece! Torna a desfazer e a refazer a machina. Põe-na a andar e a terrivel machina continua a marchar para frente. Então duas vinganças lhe lhe occorrem: aa primeira, fazer parar o relogio; pelo menos nesse tempo não vae adiante; e a segunda, a peor, quebrar o relogio!

Depois é que elle vem a mim para concertar o machinismo na esperança de que eu possa fazel-o andar para traz!

Cessára a chuva. Preparei-me para sahir da loja. A historia me divertira e eu agradeci o abrigo. Ao extender-me a mão o relojoeiro me disse:

— Não é só esse maluco que perde seu tempo. Innumeros cavalheiros ha que fazem o mesmo com a vida. Não admittem que ella caminhe sempre e invariavelmente para frente! Como esse maluco, perseguem, matam, destróem, incendeiam, remexem, desmancham o mundo na esperança de fazel-o retroceder. Mas como o relogio do louco, o mundo destroçado ou recomposto, vae inflexivel, irrevogavelmente para frente!

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.

Lettras Brasileiras

Afim de verificar o progresso constante de nossa litteratura, não se faz mister nenhum balanço. Ella acompanha *pari-passu* o desenvolvimento material do Paiz, tornando-se bem digna do gráo de civilização a que já attingimos. Não mais uma litteratura onde predomine meia duzia de poetas langorosos, a chorar o infortunio de seus amores em versos desfibrados. A critica, com o corajoso Agrippino Grieco á frente a demolir pseudos idolos e a mostrar novas estradas á mocidade; o romance, o conto, a biographia, os ensaios, os tratados scientificos, tomam vulto, demonstrando que temos um cerebro capaz de pensar e produzir muita cousa de valor.

Adoptando uma orientação patriotica e digna de applausos, os nossos escriptores da actualidade, em sua grande maioria, voltam-se para dentro de nossas fronteiras, contemplam, estudam e raciocinam sobre o que é nosso, inspiram-se em motivos autochtones, não indo buscar além, como antigamente, motivos para os seus trabalhos. Dá-se emfim, depois de tantos annos de independencia politica, a nossa ambicionada emancipação intellectual. Já temos o prazer de encontrar em innumeras producções scenarios genuinamente brasileiros, personagens que falam a nossa lingua sem entremeiá-la de termos exoticos, temperando-as antes com palavras caracteristicas das varias regiões da nossa Patria. Numa palavra, achamos nelles o nosso ambiente, a nossa gente com seus usos e costumes.

José Lins do Rego, José Americo, Gastão Cruls, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Peregrino Junior, Raymundo Moraes, Alfredo Ladisláu e muitos outros escriptores contemporaneos estão no numeros dos que contribuem com as suas obras para o melhor conhecimento do Brasil, mostrando-o como elle realmente é.

Não mais desejamos vestir as nossas idéas com roupagens talhadas pelos figurinos europeus. Uma literatura verdadeiramente nacional vae se impondo victoriosamente, como um expoente das nossas grandes possibilidades.

O estudioso, o patriota, para adquirir cultura, encontra por aqui mesmo o que ambiciona, sem precisar de recorrer a autores estrangeiros. Scientistas, poetas, jornalistas, poligraphos, prosadores originaes e vigorosos temos entre os melhores, capazes de satisfazer a todos os espiritos. Infelizmente, força é confessar, a massa de leitores não sabe corresponder sempre aos esforços desses gigantes. Muitos preferem indigestar-se com traducções baratas, esquecendo que devem conhecer melhor o Paiz, pondo-se em contacto com as suas multiplas e variadas extensões territoriaes por intermedio dos seus grandes homens de letras. Contribuindo ainda mais para esse descaso pelos nossos livros estão o cinema, o radio, e algumas revistas inferiores a baixo preço.

Entretanto, a nossa litteratura proseguirá, expandir-se-á cada vez ,mais, como uma forte expressão do pensamento que se agita, trabalha, cria, constroe nesta parte grandiosa da America.

JAYME SISNANDO.

Boletim da União Panamericana

Vimos de receber um numero desta publicação, editada em Washington, e orgão de congraçamento entre todos os paizes de America. E' membro do seu Conselho Director, como representante do Brasil, o Sr. Fernando Lobo, figura de destaque do nosso Corpo Diplomatico. O *Boletim* que temos em mão, excellentemente impresso e com optimas illustrações, é um exemplar da edição tirada em portuguez e nelle ha interessante artigo do nosso patricio Gustavo Lessa sobre «Os estudantes da America Latina que mais aproveitam nos Estados Unidos».

Edição Ariel:

GERMANA

Romance de VICTOR AXEL

NOVIDADE

POLU'

Já um anno tinha decorrido e a bofetada que Polú recebera de João Veneno ainda lhe ardia nas faces, como ferro em braza.

Um odio surdo, um desejo enorme de vingança dominavam-no inteiramente. A medida que o tempo passava, esse odio augmentava cada vez mais.

Tambem, desde aquelle dia, nunca mais Polú fôra gente. Vivia triste, macambuzio, arredio dos companheiros, porque sentia uma vergonha damnada de todos elles, testemunhas que foram da humilhação que lhe inflingira João Veneno.

Ninguem tinha coragem de lhe falar. Sómente Tiburcio, de quando em quando, isso mesmo com medo, arriscava alguns conselhos:

— Que se esquecesse daquillo, tratasse de viver... — dizia.

Pulú, porém, não lhe dava attenção. Horas e horas ficava sem dizer palavra, o olhar perdido no espaço, absorto. A's vezes chorava de raiva e de vergonha, ás escondidas. Em outras occasiões, percorria as coxias do Mangueira, os braços jogados para traz, o tronco curvado, a resmungar palavras desconnexas, parecendo um maluco.

Nunca mais frequentou os candomblés, nunca mais tocou o seu violão, nunca mais foi a um samba.

E' que Polú sentia ainda nas faces, como que nellas tatuados, os cinco dedos da esquerda de João Veneno.

Entrara em diversas enrascadas, brigas feias mesmo, tinha o corpo cheio de cicatrizes, mas dessas lutas não guardava nenhum ressentimento contra adversarios.

Era com vaidade, que mostrava as cicatrizes, contando, minuciosamente, sem nada esquecer, a sua historia. Aquella que lhe dividia o ventre em dois e que lhe custara quasi a vida, elle a mostrava com orgulho. Fôra feita a navalha por mestre Ginga num barulho em que os dois se empenharam, lealmente, por causa de uma mulher. De Nevecino, que elle ajudara a vestir quando o homem morreu, recebera, de uma feita, valente punhalada na coxa. A marca ali estava, para quem quizessse ver. No entretanto, nunca lhes guardara rancor. Mas, aquella bofetada doía-lhe muito, penetrara-lhe no fundo do coração.

Perseguia-o, tambem, a visão daquelle marceneiro que elle conheceu na Villa do Catú, Seu Dunga, que não tinha a mão direita.

O povo dizia que lh'a cortara, a facão, um homem que tinha sido por elle esbofeteado.

Recordava-se, tambem, das palavras de seu pae:

— Menino, homem não apanha na cara. Se apanha e não mata, fica descarado.

Tudo isso concorria para o seu maior martyrio. A's vezes, censurava-se por não ter matado, na mesma hora, João Veneno. Mas, reagir como? Não estava elle com os braços manietados pela policia quando João Veneno o esbofeteara? Que podia elle ter feito, se não podia se mexer?

Depois, João Veneno era troço pra burro. O governo protegia-o. Cabo eleitoral, tinha muita força politica. Era o homem de confiança do Chefe.

Elle, é que não tinha protecção de ninguem de ninguem. Tinha, sim, tres cruzes nas costas: sua mãe, a mulher e um filhinho. Se matasse agora João Veneno, quem tomaria conta de sua velha mãe, paralytica em cima de uma cama? Pela mulher e pelo filho, não. Eram moços, haveriam de se arranjar.

Um dia, porém, haveria de se vingar. E então voltaria aos candomblés, tocaria o seu violão, sambaria com gosto.

Quando Polú avistava João Veneno, sentia gosto de sangue na bocca, ficava com a vista escura, as suas carnes tremiam que nem carne de gia quando está cozinhando.

AINDA ESTE MEZ:

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

Edição ARIEL

Pedidos á

Civilização Brasileira S. A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO

João Veneno era covarde, nunca andava sozinho. Acompanhavam-no sempre, dois, tres capangas.

E o odio de Polú crescia, crescia sempre.

Foi, pois, com espanto que os homens do Mangueira assistiram, naquella tarde tempestuosa, o extranho espetaculo.

Estavam todos entregues a um embarque de fumo para Hamburgo. Os carregadores, suarentos, carregavam, correndo pelas coxias extensas, pezados fardos.

Trepado na coberta de uma alvarenga, João Veneno dirigia o embarque a bordo.

O mar estava brabo. As alvarengas bailavam, um bailado maluco, sobre as aguas revoltas. De vez em quando, chocavam-se de encontro ás biribas possantes da ponte do Mangueira.

Nisso, um grito ecoou dentro da tarde:

— Homem ao mar! Homem ao mar!

Os carregadores paralysaram o trabalho e se puzeram a gritar como uns demonios. Nem um só, porém se atreveu a salvar o infeliz que lutava impotente, contra os vagalhões enormes.

Alguem pronunciou junto a Polú o nome do afogado:

— João Veneno? — indagou Polú com a fisionomia transformada.

— João Veneno?! — indagou Polú com a fisionomia transformada.

E, vestido como estava, atirou-se nagua, nadando ao encontro do homem que se afogava.

Da cabeceira da ponte, Tiburcio, começou a falar baixinho, como se tivesse enlouquecido:

— Vai acabar de matar... vai acabar de matar...

E quando os homens de Mangueira, espantados, assistiam, sem comprender, aquella coisa exquisita, Tiburcio resmungava ainda, já agora quasi que imperceptivelmente:

— Vai acabar de matar... acabar de matar... acabar de matar...

Mas Polú nadava para a terra, trazendo comboiado João Veneno.

E quando chegaram á praia, a multidão, que ali estacionava, prorompeu numa saudação estrondosa. Os carregadores do Mangueira, porem, estavam todos mudos. Incons-

cientemente Tiburcio ainda repetia o refrão agoirento:

— ... acabar de matar... acabar de matar...

Agora, Polú debruçado sobre João Veneno, o peito arfando assistia, ancioso, os soccorros do medico da Assistencia para chamar João Veneno á vida.

Tudo aquillo era extranho, muito extranho, para os homens do Mangueira. Tão extranho que nem mesmo ousavam commentar. Mais alguns minutos João Veneno abriu os olhos, e poz-se a vomitar. O medico garantiu que Veneno estava salvo. Polú ergueu-se, a physionomia radiante. Passou pelos companheiros sem dar uma palavra:

Mais adiante Tiburcio embargou-lhe os passos:

— Voce Polú, salvar João Veneno?!

Polú fitou o compadre e com a voz rouca, um brilho extranho no olhar, confessou:

— Deus queria tirar o meu direito, homem!

E lá se foi, rumo ao trapiche, gingando o corpo de athleta, satisfeito.

(Do romance, TRAPICHE, a aparecer).

JOÃO CORDEIRO.

Salão de Maio

Está sendo organizado em S. Paulo, o Segundo Salão de Maio, concorrida exposição de arte moderna, que visa congregar os mais destacados artistas do Brasil numa mostra independente de influencia extrangeira, como fez no anno passado.

O certamen effectuado pela primeira vez no anno passado obteve successo invulgar constituindo verdadeiramente uma forte demonstração de arte nova. Alem da exposição registraram-se no recinto do Esplanada Hotel interessantes debates sobre problemas estheticos em que tomaram parte, realizando conferencias, entre outros, os senhores Bragaglia, o conhecido scenographo italiano, Flavio de Carvalho, Alvaro Moreira, etc. Para este já foram convidados os escriptores Oswald de Andrade, Jorge Amado, Elias Chaves Netto, Rossine Camargo Guarnieri, Durval Marcondes, Flavio de Carvalho e outros.

Foram convidados para expôr no Segundo Salão de Maio os artististas: Livio Abramo, Hugo Adami, Mussia Pinto Alves, Tarsila, Oswaldo de Andrade Filho, Brecheret, Flavio de Carvalho, Guignard, Ernesto de Fiore, Cicero Dias, Odete de Freitas, Lucy Citti Ferreira, Furest Munhoz, Gobbis, Goeldi, Gomide, Maito Hasson, Alfredo Herculano, Yolanda Lederer Mahaly, Elisabeth Nobiling, Portinari, Santa Rosa, Lasar Segall, Carlos Prado, Quirino da Silva e Teruz.

Alem destes artistas brasileiros terá o Salão de Maio este anno a concurrencia de alguns dos mais importantes pintores modernos do mundo, prova da importancia que vem adquirindo este salão brasileiro. Assim já recebeu a direcção do salão trabalhos de Ben Nicholson, pintor inglez que é um dos mais celebrados chefes da escola abstraccionista, e dos mexicanos Leopoldo Mendez, considerado hoje, o maior gravador em madeiras do Mexico, e Dias de Leon, um dos mais importantes dos novos pintores mexicanos. Espera ainda o Segundo Salão de Maio trabalhos de outros pintores inglezes e de varios pintores francezes.

POEMA DA NOSTALGIA

Mulher, voltemos ao paiz de origem,
lá os tempos não mudaram.
Lá as estrellas ainda têm aquelle mesmo brilho,
aquelle brilho tão extranho que nos fazia
ficar a olhal-as toda uma eternidade.
Lá nos encontraremos aquelle mesmo vento
que nos contava historias tão bonitas.
Lá nós encontraremos aquelle mesmo vento
lembras-te das flôres do paiz de origem?
Lá o mar espera por nós, mulher,
para nos embalar na sua cantiga;
a doce cantiga do mar dia e noite, noite e dia.
Lá o mar espera por nós, mulher,
para banhar os nossos corpos,
para ajudar os nossos olhos a se perderem
n'um horizonte sem fim; e depois elle ainda tem os nossos peixes,
aquelles peixes phantasticos que eram o nosso encantamento.
Lembras-te mulher, do peixe vermelho?
Lembras-te do peixe voador? Aquelle que ia longe,
muito longe, e nos contava o que vira nas suas viagens?
Lá no paiz de origem tambem estão os nossos bichos;
elles esperam por nós, elles têm saudades de nós.
Voltemos mulher, as nuvens nos levarão.
Está muito longe o paiz de origem, mas as nuvens correm muito
e logo estaremos lá. Nós subiremos muito nas nuvens,
nós atravessaremos constellações bellissimas,
nós veremos chuvas de estrellas cadentes
sempre apressadas nas suas viagens.
Passarão por nós os cometas, esses que vão longe,
mais longe que o peixe voador do paiz de origem.
Novos sóes virão nos saudar, e suas luzes serão tão fortes
que nada mais se verá no espaço.
E' muito longe o paiz de origem, mas as nuvens correndo,
sempre correndo, nós logo estaremos lá.
E quando nós chegarmos o tempo terá perdido p'ra nós
toda a sua significação; nossas estrellas brilharão sempre,
nosso mar nos embalará sempre,
nossos peixes, nossos bichos, nossas flôres viverão sempre.
Haverá noites e dias como outróra,
mas não haverá hontem, nem hoje, nem amanhã.
E lá, mulher, no paiz de origem, a nossa integração com o infinito
Essa ancia de liberdade que nos oprime desaparecerá [será perfeita.
porque nós conheceremos as coisas eternas.
Lá a nossa união será mais absoluta:
a união dos nossos corpos e dos nossos espiritos.
Voltemos mulher, ao paiz de origem,
lá os tempos não mudaram.

SERGIO SOARES.

FRANK H. TYLER
PROFESSOR DE INGLEZ
•
Av. Paulo de Frontin, 358
— Trata-se depois das 20 hs. —

PAULO GONÇALVES

Commemorou-se, no mez de Abril, mais um anniversario da morte de Paulo Gonçalves, o lyrico cantor de *Yára,* o suave evocador de «1830», o psychologo subtil de *A Comedia do Coração,* o finissimo artista, emfim, de tantos outros trabalhos, inéditos ou quasi inéditos, que, num paiz menos desinteressado pelas coisas do espirito, andariam de mão em mão, em successivas edições, mas que entre nós não encontraram ainda, siquer, um editor que por elles se interessasse.

Nunca é demais relembrar a figura de Paulo Gonçalves, mesmo porque, fóra de São Paulo, nem todos o conhecem. Aqui, onde trabalhou, amou e soffreu, amigos fieis estão constantemente a evocal-o, num culto carinhoso, que somente uma creatura excepcional mereceria. Um Cleómenes Campos ou um Corrêa Junior, para citar dois dos mais intimos, fallam delle como de um irmão que fosse quasi um santo. Aliás, todos os que o conheceram pessoalmente são unanimes em exaltarem as qualidades moraes e intellectuaes que possuia e que tão prodigamente soube espalhar.

Da sua intelligencia, nós, os que chegamos depois, podemos aquilatar pelo que existe publicado. O homem, seus amigos nol-o retratam em duas linhas: um enorme, incommensuravel coração, abrigado por um physico franzino, de impressionante magreza. Ou então, numa simples linha: «alma de principe em corpo de mendigo». «O Paulo era uma creatura bonissima» vive a me dizer Cleómenes Campos. Os factos que se contam, o confirmam plenamente. O caso daquelle violinista hungaro, em plena decadencia, que desejava regressar á patria e a quem elle — pobre, lutando com difficuldades — deu todo o ordenado de um mez de trabalho, é typico. Mas historias como essa, sommam-se às centenas.

Em Santos, onde nasceu e residiu por longo tempo, era o arrimo seguro de muita gente. Precisavam de um medico, de roupas, corriam para elle, certos de serem attendidos. O mais notavel nisso tudo é que elle, de seu, nada possuia. A vida lhe negára tudo. Só não lhe negára, nisso felizmente fôra mesmo prodiga, intelligencia, um robusto talento que lhe servia, para nos momentos de desconsolo, quando era de todo impossivel dar o auxilio pedido, extravasar no papel tudo aquillo que desejára ter feito, ter dito e, que suas condições não lhe permittiram. Fazia da propria dôr um poema. Aquella mulher que encontrou, certa noite, transida de frio, com uma creança quasi núa nos braços, tirou-lhe a tranquilidade por momentos. «Que é que eu podia fazer por ella?» exclama. Fez a «Piedade da Ausente», deu-lhe lagrimas e versos, que outra cousa não possuia:

«Sahi pensando em minha inspiradora
Recompondo em silencio, uma canção antiga
Quando encontro na rua uma velha mendiga
Levando pela mão uma creança loura.

. . . . . .

E foi por suggestão desse quadro supposto
E a doçura de quem inspirou a lembrança
Que a mão de alguem roçou a da creança,
E ergueu tremulamente um lenço ao rosto.

Amava esses mendigos anonymos, das «poeiras das calçadas», como talvez não amasse a si proprio. Pela humildade e amor com que a elles se dirigia, lembra bem São Francisco de Assis que, com toda a certeza, assignaria estes versos:

«Pobres! A todos vós, que, famintos e immundos,
Erraes de porta em porta, em sinistro cortejo,
— Mudos, cégos, senís, lazaros, vagabundos

Todos vós, que viveis na poeira das calçadas,
Amo-vos! acolhei o meu piedoso beijo,
Pelas consolações que vos foram negadas!

Se estou falando muito no homem, misturando-o com a sua poesia, não é sem razão, pois Paulo Gonçalves se reflectia sempre nos seus trabalhos, estava sempre presente atravéz dos seus versos ou das personagens que movimentava em suas peças. Um exemplo está em *A Comedia do Coração,* onde faz falar todos os sentimentos que agitam a alma humana. O resultado foi que não conseguiu, como bem accentúa o poeta de *Meu livro de amôr,* collocar uma frase de espirito da boca do Odio, que elle nunca sentiu, e na do Medo, pouquissimas, pois o de commetter injustiças elle não desconhecia. O soffrimento com que o destino o ia marcando, passo a passo, não impregna, porém, a sua obra do pessimismo esperado. Pelo contrario. Era um sofredor sereno, resignado. Poesias como *Canção Triste* são raras. Sabia lutar contra a sorte. As alegrias que sentia eram para todos, mas as dôres, guardava-as para si proprio. Assim, podemos dizer que a sua obra é a sua vida lyricamente cantada. Jamais a angustia, o desespero. O conformismo do passaro que canta na gaiola, talvez.

Sua carreira litteraria é uma ascenção magnifica, exemplo dos mais dignos. De familia humilde, originaria de Santos, onde iniciou a vida como simples estafeta, passando depois ao pequeno commercio, indo cahir, por fim, num estabelecimento bancario, Paulo Gonçalves foi formando sua cultura, galgando essas posições à custa de que sacrificios! Num meio em que o preconceito de côr ainda não desappareceu de todo, seus esforços tinham, portanto, de serem redobrados.

Acaba de apparecer:

MINHA VIDA

de ISADORA DUNCAN

2.ª Edição — Traducção de Gastão Cruls

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Ainda em Santos publica, na *Tribuna*, os primeiros versos. Versos esses que não terão alcançado o successo que o moço visionario, com certeza, esperava. Um certo preciosismo de fórma, o gosto pelo rebuscamento das frases, emfim, muito longe ainda daquella encantadora simplicidade que iria constituir a sua maior qualidade, depois. E' a época do caderninho de palavras dificeis, de que fala Corrêa Junior, e da vinda para São Paulo, onde vae trabalhar como revisor, no «Commercio de São Paulo», iniciando, assim, sua carreira de jornalista, que poucos dignificaram como elle! Percorreu todas as escalas dessa profissão, sem duvida, a mais ingrata de todas. De revisor a secretario do jornal, deixou sempre, onde quer que passasse, o rastro luminoso do seu espirito, a ternura immensa do seu coração.

Como jornalista, lidando com todos os assumptos, acabou sendo atrahido para a politica, e foi um dos fundadores do Partido da Mocidade, que se propunha regenerar nossos costumes politicos, conclamando a mocidade, que vivia então num marasmo assustador, completamente alheiada das tragicas condições em que nos achavamos. Esse movimento, diga-se de passagem, permittiu depois a fundação do Partido Democratico, que por sua vez preparou ambiente para a revolução de 1930. Se sómente agora começamos a colher os fructos desses movimentos, com a abolição dos partidos politicos e o inicio de uma era de pura e fecunda reconstrucção, não se deve esquecer o papel daquelles moços que, por volta de 1925 e 1926, agitaram o ambiente então estagnado, e, entre esses moços, Paulo Gonçalves.

Mas, decididamente, com a sua sensibilidade fôra um erro elle entrar para a politica. Ainda mais para a politica de então, toda feita de trapaças e jogos na sombra. A morte não permittiu que recebesse as desillusões inevitaveis. Morrendo aos 29 annos de edade, quanta coisa já fizéra, quantos projectos lhe enchiam a cabeça! Terminava a revisão da «Comedia do Coração», já representada com grande successo, peça tão adiantada para a sua época, que ainda hoje não temos nem publico nem theatro para a representar condignamente. Sonhava pôr em scena os amores de Dirceu e Marilia. Fôra mesmo a Ouro Preto se documentar. Os sonetos que sobre o assunto escreveu, e que fazem parte de *Yára*, são bem uma amostra do que poderia fazer. Um livro de versos, *Lyrica de Frei Angelico*, está ainda à espera de editor. São versos de um sonhador lyricamente apaixonado por «certa donzella que faz renda, com linhas de alvor lunar». Versos onde ha coisas assim:

«Não poderei viver sem a tua presença!
Minha angustia é um apello á tua indifferença!
Ha, nesta confissão, em que não acreditas,
a vehemencia mortal das paixões infinitas;

a alma toda, por ti, me ficou debruçada
sobre a espera de um sim, de um aceno, de um nada...
Penso na minha dôr sob a tua meiguice!
Relembro, com ternura, as phrases que te disse...

E, mau grado entre os dois ser a distancia pouca,
Nem tudo me subiu do coração á boca...

E ainda a mesma poesia ungida da lyrica simplicidade que faz de *Yára* um livro de horas de todos os amores irrealizados («Fostes a que sonhei, não fui o que sonhaveis»), livro de horas onde todos os momentos são momentos da mais lyrica exaltação. E a mesma simplicidade que foi a nóta caracteristica em toda sua obra, vastissima tendo-se em conta o tempo que durou sua passagem pela terra.

Nupcias de D. João, *As mulheres não querem alma*, e tantas outras peças theatraes, que ainda estão, como disse de inicio, aguardando o editor que, revelando-as ao Brasil que lê, prestaria, não resta a menor duvida, um inestimavel serviço á nossa cultura e a mais bella homenagem ao poeta, theatrologo e jornalista que foi Paulo Gonçalves.

EDGARD CAVALHEIRO.

— A Livraria Plon costuma preceder a menção dos seus romances, nos respectivos catalogos, de um asterisco destinado a tranquillizar as almas puras, uma vez que significa: «Este livro póde ser posto em todas as mãos». Infelizmente não acontece assim com o volume *Coup de bâtons*, de André Kohler, que de resto foi lançado por outra casa editora. Existem ahi passagens um tanto crúas, que farão baixar os olhos ás leitoras de Ardel e Fleuriot. E' a historia de um moço que troca o campo pela cidade e não deixa de corromper-se um boccado na mudança.

— Um dos poetas preferidos de Anatole France era Frédéric Plessis. E *La Couronne de Lierre*, reeditada não ha muito, serve para provar que o gosto do creador de Thaïs não se equivocava ao elogiar esse artista, esse humanista do verso, esse coordenador de rythmos classicos. Plessis, que sobreviveu a Anatole e conta proximamente uns noventa annos, nunca foi um caçador de fama. *Lampe d'Argile* e *Vesper*, outros trabalhos seus, não provocaram por isso grande barulheira nos jornaes e o autor teve de contentar-se com o suffragio de alguns amigos fieis, amigos seus, amigos da divina poesia.

— C. Mauclair escreve sobre *Degas*, o admiravel pintor impressionista, quasi tão celebre pelos seus epigrammas aos confrades quanto pelas telas em que evocou com insuperavel belleza as bailarinas dos theatros de Paris.

O EXTRANGEIRO

(Dos «Poemas em Prosa» de Baudelaire).

— A quem mais amas, homem enigmatico? Teu pae, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?
— Não tenho nem pae, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
— Teus amigos?
— Usaes uma palavra cujo sentido me é desconhecido até o dia de hoje.
— Tua patria?
— Ignoro em que latitude está situada.
— A belleza?
— Eu a amaria de bôa vontade, deusa e immortal.
— O ouro?
— Odeio-o, como odiaes a Deus.
— Então o que amas tu, extraordinario extrangeiro?
— Amo as nuvens... as nuvens que passam... alem... as maravilhosas nuvens!

Traducção de S. S.

A INFANCIA DE CHALIAPINE

A recente morte de Fiodor Chaliapine, figura culminante na scena lyrica mundial, dá um forte sabor de actualidade a estas reminiscencias de sua infancia, por elle mesmo escriptas nas «Paginas de Minha Vida», volume editado pela Livraria Plon, e que offerecemos aos leitores do BOLETIM DE ARIEL certos de que serão acolhidas com emoção por todos os admiradores do genial interprete de Boris Goudonov.

Tinha eu mais ou menos dezesete annos quando o acaso me conduziu pela primeira vez ao theatro. Eis em que occasião: tinha eu como camarada, no côro em que cantava, um moço dos mais sympathicos, Pankratiev. Apesar de já ter dezesete annos completos, conservava ainda seu timbre de soprano infantil. Actualmente, elle é archidiacono no mosteiro de Kazan.

Um dia, na missa, Pankratiev perguntou-me se eu queria ir ao theatro; restava-lhe uma localidade de vinte copecks. Eu sabia que o theatro era uma grande construcção de pedra e com janellas em grandes arcos. Através das vidraças empoeiradas, distinguia-se, da rua, um amontoado de destroços. Eu duvidava que naquella casa se pudesse fazer alguma coisa que me interessasse.

— Que haverá por lá? informei-me.

— «O Casamento russo», em vesperal.

Um casamento! Eu cantara tantas vezes em casamentos que essa cerimonia não mais podia excitar a minha curiosidade. Si ainda fosse um casamento francez, ahi sim, a coisa seria mais divertida! Si bem que eu não estivesse muito inclinado pelo tal theatro, comprei a Pankratiev o bilhete. Eis-me pois nas galerias. A sala, festiva. Havia muita gente. Tive que ficar de pé com as mãos agarradas ao tecto: olhava com espanto aquelle enorme poço cujas paredes eram rodeadas de camarotes em semi-circulo, com o fundo cheio de filas de cadeiras entre as quaes se mexiam as pessoas. A sala era illuminada a gaz. Pela minha vida inteira, o cheiro do gaz permaneceu para mim o mais agradavel dos odores. No panno de bocca, um quadro pintado: uma arvore verde; uma corrente de ouro suspensa dessa arvore; em torno della gyra um gato sabio, ligado á corrente. Esse panno era trabalho de Medviediev.

A orchestra toca. De subito, agita-se o panno, que se levanta. Estou em pleno encantamento. Sob meus olhares revive uma velha historia que conheço vagamente. Numa sala maravilhosamente decorada, vêm e vão pessoas de roupas pomposas que falam com elegancia. Não compreendo o que ellas dizem, mas sinto-me perturbado até o fundo da alma pelo espectaculo. Sem pestanejar, sem pensar em nada, eu contemplo o prodigio.

O panno cahia, mas eu continuava sob o encanto de um sonho que jámais vira, mas que sempre esperei e espero hoje ainda. Os espectadores gritavam, acotovellavam-se, sahiam, tornavam a voltar; eu, de pé, continuava lá em cima e, quando terminou o espectaculo e apagaram as luzes, senti-me muito triste, não podendo acreditar que aquella vida houvesse terminado. Meus braços e minhas pernas estavam dormentes. Lembro-me de que estremeci, ao sair.

Compreendi que o theatro era infinitamente mais interessante que os saltimbancos de Iachka Mamonov. Fóra, a luz do dia e o monumento de bronze de Dierjavine, illuminado pelo sol poente, me pareceram estranhos. Voltei, então, e comprei bilhetes para a representação da noite.

Levavam «Medéa». Paltchikova representava Medéa e Strelski, Jasão. Tenho um logar commodo; posso sentar-me, apoiando-me na balaustrada. Novamente, sem desviar os olhos, fito a scena em que brilha uma lua que se diria arrancada do céo e onde, em sua dôr, Medéa foge com seus filhos — onde se agita o bello Jasão. Contemplo, boquiaberto, tudo isso. E, de repente, ao chegar logo o intervallo, reparo que me estou babando. Fico terrivelmente incommodado e lanço um golpe furtivo de vista aos meus vizinhos. Teriam percebido? Parece-me que não

«E' preciso que eu feche a bocca», digo-me a mim mesmo.

Mas quando o panno torna a subir, meus labios se entreabrem, contra minha vontade. Então, colloco a mão á frente da bocca.

O theatro fazia-me perder a cabeça, me punha maluco. Voltando para casa, pelas ruas desertas, eu via, como que através de um sonho, os reverberos piscando o olho um ao outro. Detinha-me na calçada, lembrando-me das magnificas tiradas dos artistas e punha-me a declamar, imitando os gestos e a memica de cada qual delles.

— Sou rainha, mas tambem sou mulher e mãe, proclamava eu no silencio da noite, para grande espanto dos rondantes cansados. Acontecia ás vezes que um transeunte encoïhido parasse para me perguntar:

— Que ha?

Confuso, eu fugia correndo, emquanto o tal transeunte, acompanhando-me com o olhar, murmurava pela certa: «Esse garoto está bebado.»

Em casa, contei a minha mãe o que vira. Desejava ardentemente dar-lhe mesmo que fosse uma parte minima da alegria de que meu coração transbordava. Falei-lhe de Medéa, de Jasão, de Catharina na «Tempestade», da surprehendente belleza das figuras do theatro. Repeti-lhe as tiradas, mas senti que isso não a interessava e tudo permanecia para ella incompreensivel.

— Sim, sim, respondia ella, a meia voz, pensando em outra coisa. Eu tinha acima de tudo vontade de lhe falar do amor, aquelle sentimento que anima e dá côr a toda a vida theatral, mas não sei porque me sentia perturbado, e não podia falar-lhe com clareza e simplicidade. Eu não compreendia bem, no meu intimo, como, no palco, os artistas falavam do amor com tanta nobreza, com tanta belleza e com tanta pureza, emquanto no suburbio dos Mercadores de Fazendas o amor não não passava de uma villania que despertava os mais maldosos sarcasmos. Porque então no theatro o amor suscitava proezas e em nosso suburbio apenas murraças no rosto? Ha-

veria dois amores? Um que se considerava como a suprema felicidade da vida, e outro que não era senão peccado e devassidão?

Evidentemente, naquella epoca, essa contradicção não me preoccupou muito tempo, mas era na verdade por demais flagrante para que não fosse notada. Apesar de meu ardente desejo de abrir a minha mãe o mundo que me encantava, não o consegui.

Aliás, eu mesmo não penetrava nas coisas mais simples: porque Jasão e não Jacob? porque Medéa e não Maria? Onde se passa tudo isso? Que era o vellocino de ouro? Que era a Colchida?

— Sim, sim, dizia minha mãe, mas isso nada vale, não devias ir ao theatro, porque o theatro te desvia do trabalho. Teu pae repete sem cessar que és um imprestavel. Defendo-te como posso, mas teu pae tem razão.

Com effeito, eu nada fazia e aprendia mal. Si pedia a meu pae licença para ir ao theatro, elle me recusava logo, accrescentando:

— Precisas ser um bom empregado, tolo. Para o diabo os taes theatros! Empregado, animal. Assim terás sempre um pedaço de pão para trincar nos dentes. Que ha de bom no theatro? Não quizeste aprender um officio, e acabarás apodrecendo numa prisão. Vê como vivem os artifices: com o estomago cheio, bem vestidos, bem calçados!...

Os artifices que eu conhecia eram na maioria uns esfarrapados, pés descalços, famintos e bebados; assim, nunca pude acreditar nas palavras de meu pae.

— Mas eu trabalho, e faço copias! Olhe só quantas copias já fiz!

Elle me ameaçava:

— Espera um pouco: quando tiveres acabado os teus estudos, eu saberei dar-te um destino. Fica sabendo disso, indolente.

Mas o theatro me seduzia cada dia mais e cada vez com maior frequencia; eu escondia o dinheiro que ganhava cantando. Sabia que isso não estava direito, mas era-me impossivel assistir sózinho ao espectaculo; era preciso que estivesse commigo alguem com quem pudesse trocar impressões. Levava assim, á minha custa, algum camarada, Mikhailov com mais frequencia, porque tambem era um grande amador do palco. Nos intervallos, discutiamos com ardor, apreciavamos o desempenho dos actores, procuravamos o sentido das peças.

Ahi appareceu uma «troupe» de opera. Os bilhetes attingiram o preço de trinta copecks. A opera mergulhou-me no espanto. Tambem cantor, o que me surpreendia não era o facto de que os artistas cantassem e cantassem palavras pouco intelligiveis (isso tambem a mim me acontecia, nos casamentos), mas que existisse uma vida em que se cantava a proposito de tudo, e onde não se falava como era habito nas casas das ruas de Kazan. Essa vida cantada não podia deixar de me deslumbrar. Figuras extraordinarias, vestidas com roupas extraordinarias, cantam respondendo, cantam reflectindo, irando-se, morrendo, cantam sentadas, de pé, em côro, em duetto, em todas as occasiões. Esse genero de vida me deixava estupefacto e me encantava!

«Meu Deus, pensava eu, se fosse sempre assim! Se todos cantassemos nas ruas, nos banhos, nas officinas!»

«O sapateiro cantaria:

«— Fedka, a linha de cozêêr!

«E eu responderia:

«— Prompto, Nicolas Evtropitch!

«Ou então um policial, segurando alguem pela golla, annunciaria com sua voz de baixo:

«— Vamos, vou te levar até a delegacia!

«E o delinquente imploraria, tenorizando:

«— Piedade, piedade, senhor policial!»

Sonhando com uma existencia tão encantadora, eu tentava transformar nossa vida quotidiana numa vida de opera.

Entre os artistas dessa epoca, é o baixo Iliachevich, no papel de Mephistopheles, aquelle de quem melhor me recordo. Eu ouvira falar muito mal do diabo, que era para mim um ser quasi real, uma força viva no meio dos homens, em luta perpetua com estes, uma vontade malfazeja que encontrava um prazer perverso em complicar a vida já de si tão difficil e embrulhada. Aos meus olhos, Iliachevitch dava ao diabo e a todos os seus actos uma pavorosa realidade. Parecia-me igualmente terrivel e ao mesmo tempo compreensivel e incompreensivel, fosse no palco, quando, vermelho como o fogo, elle passeava para todos os lados cantando com força e ironia: «E' pelo metal que os homens perecem», fosse quando, por detraz dos bastidores, com uma voz simplesmente humana, elle pronunciava palavras familiares. Seus olhos que lançavam scentelhas vermelhas inspiravam-me pavor. Considerei por muito tempo aquelle brilho terrivel como uma qualidade natural dos olhos do artista, até que me convenci de que se tratava apenas de palhetas colladas em suas pestannas.

O idolo do publico, principalmente da mocidade, dos estudantes e das estudantes era então o tenor Zakrjevskii. Elle era adorado, carregado literalmente em triumpho; a juventude desatrellava os cavallos de seu carro para puxal-o pelas ruas. Lembro-me da veneração com que ficava plantado deante de sua porta, onde seu nome, Juliano Feodorovitch Zakrjevskii estava gravado numa placa de cobre. Lembro-me de como meu coração batia na esperança de que a porta ia abrir-se e de que eu vislumbraria aquelle homem universalmente adorado.

Alguns annos mais tarde, encontrei Zarkjevskii. Doente, esquecido de todos, elle estava na miseria. Tive a triste honra de auxilial-o um pouco, e de vêr brilhar em seus olhos lagrimas de reconhecimento e de humilhação, lagrimas de colera e de impotencia. Foi um penoso encontro!

Tal é o destino do artista! Elle é o brinquedinho do publico — e nada mais. Se perde a voz, sua sorte está traçada. Elle é desamparado, abandonado por todos como um soldado de madeira ao qual a creança retira o seu prestigio, depois de o ter amado. Se quizeres evitar vexames injustos, malha o ferro emquanto elle estiver quente, trabalha sem te poupares, emquanto tiveres forças!

CARTA SOBRE POESIA

Jorge de Lima:

Você sabe, e soffre como eu, a incomprehensão da poesia em nosso meio, peór do que em toda a parte. Tenho a impressão de que só no Oriente o povo nasceu para sentil-a e comprehendel-a na sua totalidade. O Occidente tem vida parasitaria sobre o Oriente, em materia de poesia. Aqui, então, frequentemente, ella se confunde — no conceito das élites, no modo de ver de escriptores e criticos profissionaes — com musica, fantasia, arroubo, ternura... que podem, quando muito, constituir seus adornos, aspectos ou complementos.

A poesia é, a seu modo, — como a religião, a sciencia, a philosophia —, um dos instrumentos de revelação dos enigmas humanos e, por consequencia, dos enigmas universaes (O universo só existe e se perpetúa através da consciencia humana). A religião pela fé, a sciencia pela experimentação, a philosophia pela especulação e a poesia pela emoção, todas tentam satisfazer a nossa ansia de interpretar o que nos cerca, e nos precedeu e nos succederá sob o pesadelo de uma atmosphera constante do indecifravel.

Do conflicto de nossa transitoriedade no permanente, da consciencia de tudo residir no passageiro — na cabeça do homem que desapparece —, surgiu a inquietação de explicar os factos e os phenomenos pelas fórmas eternas ou duradouras. A' primeira vista, poderia parecer que o amor pertencesse tambem a esse grupo da sciencia, philosophia, religião, poesia. Mas não: o amor, á base do instincto, não é criação nossa e, ao contrario, provoca o desapparecimento do mundo pela concentração absoluta no objecto amado. .Nada mais importa a quem ama. E as suas maravilhas não são sociaveis, se reduzem ao circulo dos que se amam, sem participação possivel dos demais).

Indifferente á natureza dos factos e phenomenos, de suas relações de causa e efefito, — a poesia aprisiona de tudo a simplicidade da emoção, de tal modo que nos suggere, numa unidade perfeita, as mesquinharias ou grandezas da realidade envolvidas das grandezas da imaginação. E ao seu toque são mundos e mais mundos novos que aos nossos olhos se illuminam. O poeta é um vidente e um criador da eternidade dos anseios humanos, que elle consegue abranger na sua universidade pela intuição ou pela experiencia, como orgão receptor que é de tudo quanto pensam, agem ou sentem grandes ou pequenos, felizes ou infelizes. Elle tem de ser criança, adulto e velho ao mesmo tempo, bom e mau, sereno e inquieto, egoista e universal, para contêr em si todas as phases e modalidades da corrente que perpassa de continuo na consciencia dos seus semelhantes, a que excede tambem pelo dom de criar e transmittir.

Como as outras formas de arte que resume na sua essencia, porque só subsiste a arte — pintura, esculptura, musica, romance — que vem tocada do sopro da poesia, a sua substancia vital são os nossos grandes momentos psychicos. Mais proxima da synthese do que todas as outras, pouco se lhe dá o enrêdo, a presença, a lembrança do facto que a suggeriu, tudo fazendo e conseguindo com o poder de emocionar pela presença do indefinivel e dos mysterios com que compõe mundo e sensações.

Isso que ao meu vêr constitue a verdadeira poesia (Não se pode explicar o que é poesia porque ella tem diffusão e amplitude que escapam aos limites de nossa linguagem, mas pode-se dizer quaes são os elementos que constituem a sua essencia e qual a sua posição no conjuncto de nossas realisações) aqui está presente nos seus novos poemas, que attingiram a expressão cosmica das inquietações, idéas, sentimentos humanos na architectura de universos construidos dentro das possibilidades de nossa imaginação. Cada poeta é senhor de uma logica e só verdadeiramente o é quando a possue, de maneira que as suas criações surjam perfeitamente verosimeis, sem os tropeços do absurdo, que nos façam cair na presença dos difficuldades que enxameiam o mundo physico, — antipoetico.

Só agora você attingiu a plenitude de poesia, embora muita palma se bata a «Essa nêga Fulô», «Madorna de Iáiá» e outros poemas que lhe deram tanto renome e são ainda aspectos de poesia, não libertos por signal dos rythmos romanticos. o que talvez tenha concorrido para o encanto justificavelmente brasileiro de seus consagradores.

E note-se que, reconhecendo o valor consideravel de sua nova producção, não participo de seu modo de vêr quanto á obrigatoriedade da presença da religião para a poesia ser realmente poesia. Ambas se applicam ao mesmo alvo, trazendo-nos sensações de conforto, de serenidade, de desafogo espiritual, de evasão da certeza do transitorio deste mundo, mas por meio de recursos differentes — a fé e a emoção, que tambem podem andar conjugadas, como acontece em você.

Poesia e religião, como sciencia e philosophia, são modos differentes de sentir e explicar o meio em que vivemos, assim como a nós mesmos. E, embora as duas primeiras se aproximem pela abstracção que fazem das lei existentes entre causas e effeitos, não são obrigadas a andar juntas, o que importaria de outro modo numa inferioridade para a poesia, sem valor proprio, não emancipada da tutela de suas irmãs. Houve tempo em que todas se confundiam numa concepção unica, até chegarem á differenciação completa que hoje nos apresentam.

A proposito, não se pense que haja alguma superioridade da sciencia sobre as outras formas por causa dos methodos de experimentação, ditos concretos, de que se vale. A sciencia é absolutamente instavel, por sua natureza: os conhecimentos novos affectam sempre os que se acharam anteriormente estabelecidos, que se anullam, deixam de existir, emquanto as religiões apresentam um caracter de estabilidade que atravessa todos os tempos, e a poesia que surge não aniquilla a que a antecedeu. Continuam a existir as modalidades poeticas que cada momento ou cada poeta criou. Sob esse aspecto, a philosophia participa de uma natureza intermediaria entre a sciencia e a poesia. As novas concepções philosophicas não chegam a riscar as philosophias de Aristoteles, de Platão,

Montherlant e Carlos Madeira

A epigraphe seria assim: *Les jeunes filles* e o *Romance de Teresa Maria*. Mudei-o para não interessar muito as «mocinhas» do Sion pela aspera e sensivel apaixonada de Caio de Andrade. Tenho um fraco decidido pelas ingenuas, sou passadista e o Snr. Carlos Madeira desta vez não se recomenda ás donzellas. Aliás em *Caiçaras,* contos, a exaltação dos sentidos é notavel si bem que explicavel na juventude cheia de seiva do estreante. Não nos foi dado apreciar, por se haver exgottado rapidamente, uma traducção que honra sobretudo o capichaba enthusiasta de seu rincão: *Viagem de A. de St. Hilaire ao E. Santo.*

O romance de Teresa Maria conquistou o Premio Cidade de Victoria em um concurso scientifico-litterario instituido pelo Governo de nosso Estado. Justamente por isso lembramo-nos de Montherlant e desse livro tão discutido cuja traducção brasileira começa por trocar o suave titulo de *Jeunes filles* pelo de *Mulheres sem homens.*

Ora, a nossa Teresa Maria nada tinha de *jeune fille* no corpo e na alma; mas, paradoxalmente, era uma dessas mulheres sem homem, infeliz no casamento, insatisfeita, soffrega, voluvel, despotica. Ansiando «a concepção de viver que se resume na estabilidade» não nos apparece bonita. Não a cobrem tampouco os atavios da edade balzaqueana ao encontrar o poeta Caio de Andrade. Sua inveja dos visceralmente felizes «compensava-se, neste mundo tão complexo feito de livros, flôres, versos, pedaços de papel»...

Mas... não lhe bastavam, porque sua «intelligencia» e seu «espirito reclamam» o que o «corpo deseja» e a «bocca anseia... Ama com exaltação e se analysa friamente com a acuidade de um Zweig, e é bem o typo da amorosa cerebral quando o affirma: «Não gosto de que enalteça minha intelligencia.

Foi um dom de Deus, pelo atavismo, pela ancestralidade dos meus antigos que pensaram e viveram antes de mim. Não ha merito nisso». Do mesmo modo que Thérèse do *Lys Rouge,* apega-se a um objecto: é fetichista, pantheista, ama a natureza e sorri á propria imagem que lhe lembra o amante.

Como Mme. Martin a Dechartre, ella escreve ao poeta, penitenciando-se de passados amores: «Fico, ás vezes, a cismar si não fui sua mesmo no passado, em que você não esteve.

Sim, foi você, naturalmente, que viveu em mim como um ideal no sonho, na illusão, nos intimos refolhos da minha alma». Embora amoroso, parece que o poeta Caio de Andrade não se alçava a essa maré alta de paixão e assim Teresa Maria viu-se, certo dia, irremediavelmente só, com as suas recordações e um filho adoptivo Oswaldo, personagem veridica, na verdadeira historia de Teresa Maria. O caso e a estreiteza do meio fazem condiscipulos Oswaldo e o jovem Raul, filho do poeta, a quem, por uma inclinação comprehensivel, Teresa Maria já bem edosa lega «para fazer um romance» a confissão escripta de sua historia amorosa.

Finalmente direi porque alludi a Montherlant.

Sabido é que o grande romancista reuniu em um volume cartas de «fans» da provincia, depoimentos de moças mais ou menos apaixonadas pelo homem e pelo escriptor. Dahi a celeuma nas rodas litterarias. Póde um escriptor honesto assignar seu nome em confissões alheias? As «jeunes filles» ficaram caladas. Em nosso caso, nesta linha cidade presepe, que a prosa encantadora de Carlos Madeira retrata maravilhosamente em imagens primitivas, parece, ninguem, no jury ou fóra delle, achou razões para interpellar o joven romancista por apropriação indebita. Teresa Maria, coitada, morreu ha muito e, mesmo viva, não reclamaria o dom de si mesma.

Entretanto, a culpa não cabe inteiramente ao Snr. Carlos Madeira, mas ás suas qualidades de escriptor, á sua comprehensão profunda e ao vigor que soube emprestar ao estudo de uma alma feminina (uma ou duas?) tão exacto nas minucias psychologicas, que a gente fica pensando ter sido Teresa Maria mais que inspiradora no romance numero um das lettras capichabas.

INDA' SOARES CASANOVA.

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15$000

de Nietzsche, de Spencer, embora as obscureçam á luz das conquistas e experiencias mais modernas.

O que prevalece nos seus poemas não é o conteúdo religioso (Não digo — mystico porque toda poesia tem a sua mystica, conquanto não subordinada a qualquer religião. Tudo é material para a modelação da poesia, ao capricho de cada poeta, como a linguagem, o rythmo, a forma e até a mystica. Nada escapa ao seu poder absorvente de criação). O que prevalece e a significa é o sentido altamente humano de que se impregna a cada passo, e a harmonia de suas innovações, misturando realidades com imaginação, momentos psychicos com trechos da historia e da biblia, tudo sem quebra da logica que você criou para sua poesia, dentro de fórmas, côres e sons perfeitamente realizaveis aos nossos sentidos.

Com rythmos novos, amplos, adequados á sensibilidade moderna, libertados sobretudo dos caminhos que outros percorreram e foram bons no seu tempo, criando mundos novos em que se contém a multiplicidade de nossos mundos interiores nos seus momentos mais caracteristicos, você deixa de sêr um poeta, como o foi até agora, para ser o poeta — o senhor da revelação pelos recursos emotivos.

Você merece mais do que a minha admiração — um estado affectivo particular cuja natureza não sei definir, tão cheio se acha do sortilegio de sua poesia.

NEWTON BELLEZA

«A AMAZONIA MYSTERIOSA»

Traducção do prefacio com que Benjamin de Garay apresenta ao publico argentino a sua versão deste romance de Gastão Cruls, a apparecer, em Buenos Ayres, na «Biblioteca de Novelistas Brasileños.

Diz o traductor:

Grata nos foi, ainda que algo difficultosa, a tarefa da versão deste livro de Gastão Cruls, o celebre escriptor brasileiro cuja producção se caracteriza e recommenda tanto pela variedade e nobreza dos themas como pela graça e belleza da fórma. Verdade é que a honesta satisfação de vêr finalmente cumprida a nossa missão de traductores *d'A Amazonia mysteriosa*, compensa-nos sobejamente dos esforços realizados par conserval-a, atravez de uma versão castelhan ajustada e respeitada, com toda a côr, todo o sabor e todo o perfume do original brasileiro.

Não escolhemos, talvez, entre a profusa obra de Gastão Cruls, a melhor de suas novellas; mas, talvez, a mais original, a que melhor define e módela a personalidade singular deste autor, porque nella se reunem, em conjuncção felicissima, o dom natural de uma imaginação creadora de primeira agua, e o limpido caudal de conhecimentos adquiridos, lindeiros algumas vezes com a sabedoria dos que, precisamente, fazem profissão de fé negativa dos productos da imaginação litteraria.

No nosso conceito, que não se abona somente na nossa qualidade eventual de traductor, mas anda no nosso conhecimento pessoal de Gastão Cruls e sua modalidade de novellista, a critica, em geral, não obstante (a sua attitude cordealmente justiceira e elogiosa, equivocou-se ao julgar a hierarchia intellectual e artistica deste livro. E esse equivoco consistiu em que os criticos, até os melhores intencionados, não souberam collocar-se no justo ponto de vista para abranger com limpidez os valores reaes que perecem occultar-se picarescamente na trama subtil e despreoccupada de uma bella novella de aventuras phantasticas.

Gastão Cruls é antes de tudo um homem de sciencia, embora não o demonstre no terreno das especulações scientificas puras, ali onde a personalidade do sabio afasta por definição qualquer outra attitude intellectual ou ideologica, para consagrar-se integralmente ao culto egocentrico da sua especialidade.

«Fui medico... para ser escriptor e sou escriptor porque nunca pude ser um grande collecionador de orchideas», diz-nos o proprio Cruls. E accrescenta como apostilla é intima confissão do seu peccado de belleza: «Talvez o gosto por essas bizarras flores, que fizeram a gloria de Cattley (a orchidea mais deslumbrante tem a classificação de *Cattleya lawrenciana*), me viesse ainda na infancia, quando, em Petropolis, por muitas manhãs, passei horas embevecidas a percorrer as innumeras estufas de um vizinho e bom amigo que as cultiva com esmero.»

Bem se poderia dizer, portanto, que a especialidade scientifica de Gastão Cruls, medico poeta por (não não ter podido cultivar orchideas na terra, ou para cultival-as liberrimamente no espirito, consiste, como a de Julio Verne, como a de Wells, entre os novellistas scientificos estrangeiros, e talvez devessemos accrescentar: como a de Horacio Quiroga entre nós, no facil e gostoso predominio da faculdade creadora sobre os mesmos solidos conhecimentos que lhe servem de thema e motivo para a obra de imaginação.

Ao longo dos nutridos capitulos d'*A Amazonia Mysteriosa* desfila, com effeito, toda uma brilhante theoria de conhecimentos positivos e de hypotheses atrevidas, de premissas originaes e de affirmações temerarias, garbosamente entrelaçadas, graças a authenticas plantas tropicaes, na ficção sempre colorida e captivante de novella ou narração de aventuras, reaes ou ficticias. E tanto é assim, que, ao final da leitura, o leitor perspicaz deverá convir em que não ha em todo o livro um só ponto vulneravel, *a menos que não seia á luz de uma concepção scientifica differente da do autor.*

Dous são os factores ou elementos theatraes principaes de que se serviu Gastão Cruls para a estructuração novellesca de sua galharda these ou concepção scientifica: o scenario hermetico, a selva tropical, impenetravel aos olhares impertinentes da critica mal intencionada; e o estranho conjuncto de theorias audazes que baralha e revolve, com segurança infallivel de bruxo ou nigromante, o heroe principal d'*A Amazonia Mysteriosa*, o doutor Hartmann, e que não poderiam ser sustentadas, é certo, ante nenhuma sorbona real, a menos que não fossem apresentadas as provas materiaes, só existentes na imaginação fecunda do autor.

Acontece, porém, que estas mesmas provas, sendo embora um mero producto novellesco, são, comtudo, a concrecão hypothetica de outras tantas verdades latentes no complexo da sciencia biologica actual, e como taes não poderiam ser destruidas senão por outras demonstrações igualmente arbitrarias ou caprichosas, sem que se desvirtuassem por isso em seu caracter de simples elementos litterarios admiravelmente aproveitados na vigorosa ficção da personalidade do doutor Hartmann.

Do mesmo modo que o doutor Moreau na sua ilha, da famosa novella de Wells, as theorias que o doutor Harmann defende e comprova na solidão impermeavel da selva equatorial inexplorada, poderiam ser refutadas e até mesmo pulverizadas ante qualquer autoridade scientifica sufficiente, mas, apenas, mediante theorias em contrario e não por nenhuma demonstracão experimental inequivoca. E isso em nada lhes traria prejuizo quanto é sua originalidade como elementos novellescos. Em compensacão, se alguma vez se chegasse á demonstracão pratica da verdade dessas theorias, ao seu autor caberia o titulo de propheta ou precursor.

Aliás, foi isso mesmo o que occorreu com algumas das theorias «descabelladas» de Julio Verne, que nelle não foram mais do que motivo scientifico para crear bellissimas novellas de aventura, e que hoje são outras tantas conquistas da sciencia. Não

deveria servir-nos esse exemplo para a descriminação dos valores reaes e ficticios d'*A Amazonia Mysteriosa?*

Um reputado critico brasileiro — talvez o menos dithyrambico na intenção de ser o mais equanime — disse em relação a este livro de Gastão Cruls:

«*A Amazonia Mysteriosa* é, sem duvida alguma, uma obra excellente. Sem machinarias ou machinações complicadas, torrentes de sangue ou torrentes de lagrimas, grandes catastrophes ou aventuras abracadabrantes, antros de feras ou festins de anthropophagia, sem nada disso, sem invenções macabras, conservando-se sempre simples e humano, natural e verosimil, o Sr. Cruls inaugurou aqui, por assim dizer, um genero interessante que na França está sendo agora revivido com actualidade. Inaugurou o bom romance de aventuras, mesclando as impressões de viagem ao marvilhoso scientifico. Seu livro será, de certo modo, um livro-paradigma em nosso paiz.»

E assim é, em verdade, á parte as reservas preceptivas que parecem implicitas no juizo apologetico precedente: *A Amazonia Mysteriosa* pode offerecer-se ao bom leitor tanto como um modelo de novella de aventura, ou como um ensaio scientifico muito respeitavel. Isto é, como um bello e nobre livro em que o maravilhoso não é obice á verosimilhança, uma vez que não se apresenta como a obra eventual do novellista que tenta fazer sciencia, mas como a novella do homem de sciencia que sabe fazer bôa litteratura.

BENJAMIN DE GARAY.

Buenos Ayres, 31 de Março de 1938.

— *Descartes, ses amitiés féminines:* eis um volume substancioso de Ch. Adam, velho conhecedor da vida e da obra do grande philosopho francez. Destina-se o trabalho de agora a evidenciar que mestre Cartesius nada possuia de misogyno, sendo-lhe bastante grato dialogar com uma linda mulher, corresponder-se com as admiradoras distantes, explicar os seus postulados scientificos a uma aristocrata que não os entendesse de prompto.

— Entre os memorialistas das lettras modernas inscreve-se F. A. Chasseriau com o livro *Mes souvenirs sur Pierre Loti et Francis Jammes.* Encontram-se ahi episodios e retratos suggestivos. Vemos bem de perto o marinhista inigualavel, o Loti que pintava os labios e as faces como uma cortezã de Marrocos, aturdia os amigos com seus amuos e excentricidades, mas era indiscutivelmente sublime ao descrever o tedio da vida e a fascinação da morte. Parecem-nos tambem muito justas as paginas allusivas a Francis Jammes, simulador de innocencia, anjo campezino ao fundo do qual não deixa de existir uma boa dose de velhacaria, de malicia gauleza.

UMA OU OUTRA REMINISCENCIA DO POETA

Não és tu por acaso a irmã do pastor?
a da raça de Abel?
a amiga dos cães e das ovelhas?
Não és por acaso a irmã do pastor?
a que dansou no pateo deante do povo?
Vamos andar nas collinas ó irmã do pastor,
ó amada de todos, ó dansarina?
Não és a de cintura esbelta, a de pés ligeiros,
a de mãos suaves, a de olhos claros?
Por mais que negues, tu és a irmã do pastor,
pela tua voz, pela tua dansa, pelo teu olhar, és a [irmã do pastor.
Reconheço-te quando dansas no pateo, deante do fogo,
nas pontas dos pés, em roda os cantores.
És a irmã do pastor, a dansarina que dansa com [o olhar
perdido na estrella que vem nos occasos amar os [pastores.
Não és tu a que hypnotisa os ursos?
e distrahe os homens da guerra?
Não és tu a poetisa?
Não és a rara, a unica, a desconhecida, a irmã do [pastor?
Não és a que tens beijos e não dás?
Não és a que dansas nas pontas dos pés,
com as mãos como plumas e os labios entreabertos?
Não és a que commanda, a que hypnotisa os ca- [vallos do circo?
a que appareceu na varanda com um lyrio na mão?
A prefigurada pelo poeta pallido? Não és?
Não és a que o rei viu no banho e ficou louco?
Não és a irmã do pastor?
Não és a que vae ficar noiva do andarilho?
És sim a irmã do pastor que páres as horas e os [olhares,
que eu vejo nos films com os povos errantes!
És sim a irmã do pastor que vens do começo!
És a irmã do pastor que a gente entrevê nas outras [mulheres.
Ah! a irmã do pastor!
A desapparecida!
Em que festim de Nabuchodonosor
ou de Ptolomeu te vi a ultima vez?

JORGE DE LIMA.

«GYMNASTICA INFANTIL»

Recebemos da Companhia Nestlé este pequeno manual de gymnastica para os lactentes, de autoria do Dr. Adauto de Rezende, reconhecida autoridade em pediatria e questões de alimentação infantil e educação physica em geral. Como ha varias correntes a respeito da necessidade geral da gymnastica em crianças de tenra idade, a brochura *Gimnastica Infantil* é destinada exclusivamente á distribuição entre medicos, pois sómente elles poderão saber da necessidade de serem applicados os exercicios nesta ou naquella criança. O manuseio do album por parte dos leigos poderia ser de consequencias inteiramente oppostas ás que presidiram á composição dos exercicios, nos quaes o Dr. Adauto de Rezende conseguiu, de maneira summaria, estabelecer o mais forte e adeantado criterio scientifico no assumpto. Os medicos que se interessarem por esta publicação, podem solicital-a á Companhia Nestlé, caixa postal 760 — Rio, que serão promptamente attendidos.

Emilio Kemp — *Luz suprema* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Antigo jornalista aqui no Rio, o sr. Emilio Kemp teve os seus versos elogiados pelo sr. Alcides Maya, que observou no poeta gaúcho «o surto para a perfeição moral, vislumbrada através da arte.» *Luz suprema* é obra da maturidade do autor, que trocou os ardores lyricos da juventude por um fervor mais pronunciado em relação aos problemas da consciencia.

Antonio Constantino — *Embryão* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Magnifico romance de quem já se affirmara um dos melhores poetas do S. Paulo destes ultimos dez annos. Trata-se de uma narração daquelles acontecimentos da infancia que, parecendo quasi nada, são quasi tudo na formação de uma vida sentimental e moral. Deliciosos esbocetos em que já se adivinham as complexidades da proxima adolescencia. Um admiravel prosador está indiscutivelmente nas paginas do *Embryão*.

Discos

Discos Seleccionados

Ludwig van Beethoven — Symphonia n.º 5, em Dó menor, opus 67 — Orchestra Philharmonica de Berlim sob a direcção de Wilhelm Furtwaengler (Victor-DB 3328/31) — Chegaram ao mesmo tempo ao nosso mercado, com interpretações magistraes, duas das maiores symphonias de Beethoven, que apresentam a particularidade de terem sido escriptas na mesma epoca, a ponto de haverem recebido a principio classificação inversa da que mais tarde se estabeleceu.

Com effeito, após a sua primeira audição em publico, na celebre noite de dezembro de 1808 no Theater an der Wien, a symphonia em Dó menor foi numerada como sexta, e a Pastoral como quinta durante muito tempo, apesar das indicações em contrario que se liam nas partituras originaes.

O que é certo é que o periodo 1805-1808 foi de uma actividade gloriosa para Beethoven. Já era famoso, o dinheiro não faltava, os principes assediavam-no de encommendas bem remuneradas, e havia ainda o amor, sob a forma do noivado com a Condessa Theresa de Brunswick. Dessa phase é ainda a quarta symphonia, que só foi iniciada depois de se acharem quasi promptos dois movimentos da quinta.

Esta é, segundo as estatisticas, a mais tocada das composições orchestraes do mestre. Parece-nos que o motivo para isso resida no equilibrio entre uma grande concisão de idéas e um vigor de expressão puramente attingido, equilibrio esse nem sempre observado nas outras symphonias.

Ora, o publico, bem como certos criticos preciosos, ainda hoje censuram veladamente algumas «prolixidades» da Heroica e mesmo da Nona. Seja este ou aquelle o motivo da preferencia, a verdade é que a Quinta continua sendo o mais obrigatorio dos numeros de orchestra, não se devendo extranhar portanto que todos os annos appareçam novas gravações suas.

A Victor quiz dar-lhe agora um grande cunho de novidade: contratou para regel-a o inexcedivel Furtwaengler. Era uma acquisição que já estava tardando. Furtwaengler, que muita gente seria na Europa considera, com justiça, o maior dos maestros vivos, talvez não goze do mesmo conceito no resto do mundo por não ter tido a propaganda ampla do disco. O que delle existe gravado é escasso e quasi nunca bem reproduzido.

A Victor, dotada de maior diffusão, e de meios technicos provavelmente mais aperfeiçoados, poderá prestar-lhe um altissimo serviço nesse sentido.

Na opinião de quem escreve estas linhas, não ha o que dizer desta sua interpretação da Quinta. A subtileza sem exaggeros, o dominio pleno sobre os executantes, a vehemencia com que expressa o «Temperament» beethovenico, tudo se conjuga para dar ao conjuncto uma estructura de solidez incomparavel. E de lastimar que a gravação, embora melhor que as realizadas ultimamente pela Victor na Allemanha, esteja apenas bôa. E' o que não se dá com a que analysamos a seguir.

Ludwig van Beethoven — Symphonia n.º 6, em Fa maior — opus 68 — Orchestra da British Broadcasting Company, dirigida por Arthur Toscanini — (Victor DB 8369/73) — Depois de ter brindado os discophilos do mundo com um legitimo sarrabulho musical, onde Wagner vinha de cambulhada com grandes borracheiras meridionaes, Toscanini velho parece querer trilhar caminho mais solido no terreno do grammophone.

Não seria atrevimento dizer que se trata de regeneração, sob o ponto de vista do bom gosto. E então escolhe Beethoven. Começou, não faz muito tempo, com a Setima. Agora dá-nos a Pastoral. Não nos parece fortuita essa selecção. E' que ambas essas symphonias representam o que ha talvez de mais cycloide na obra de Beethoven, si é que o sr. Neves Manta nos permitte o abuso da expressão. Não extranhariamos, portanto, que elle nos désse, dentro em breve, «A Victoria de Wellington».

Com uma arrogancia que não julgamos de accordo com os seus principios declaradamente liberal-democraticos, Toscanini explora com tanto afã os matizes, as scintilancias, que cahe ás vezes no puro bysantinismo, do qual se esquiva não raro para resvalar em retumbancias nas passagens mais brilhantes. Comprehende-se que isso no palco, com a presença do maestro, pode provocar um genuino «furore». Essas attitudes, aliás, já teem causado ao grande Arturo alguns dissabores, não só processos de indemnização por parte de musicos victimas da exhuberancia da sua batuta, como polemicas aggressivas, como no caso celebre da gravação do «Aprendiz de Feiticeiro». Eis porque muitos criticos, que tomam a sobriedade como divisa, torcem o nariz ás interpretações desse maestro, que é indiscutivelmente um mago na sua arte, áparte quaesquer restricções.

Si na edição da Setima, que tivemos occasião de assignalar nestas columnas ha poucos mezes, havia uma certa abundancia de meios vistosos, e algumas liberdades com o rythmo de adagio, a interpretação agora da Pastoral é um encanto permanente para os ouvidos e para o espirito.

Ha uma graça cheia de frescor nas phrases bucolicas, uma falta de malicia eminentemente nordica na scena dos camponezes, e o minimo de theatralidade, que seria de receiar, na occasião da tempestade.

Para coroar tudo isso, uma gravação francamente estupenda. Ignoramos si a Victor lançou mão de novos meios technicos ao registrar estes discos, mas o que não resta duvida é que nunca ouvimos em victrola commum, tanta clareza, tanta nitidez em musica symphonica.

Até mesmo os instrumentos mais rebelbeldes á gravação, como as trompas, as clarinetas, os fagotes, sobresahem com uma limpeza de timbres e de contornos jámais notadas em audições semelhantes.

Achamos, emfim, que o progresso conseguido com esta gravação só muito difficilmente conseguirá ser superado.

C. DE S.

Gravações Populares

Victor — 34.312 — «O Rancho de Sapê», «Suará», jongo-batucada. J. B. de Carvalho e Jorge Nobrega com o Conjunto Tupy. O primeiro não tem grande interesse, mas o segundo é das melhores coisas que J. B. de Carvalho nos tem apresentado. O côro organisado por elle continua sendo dos conjuntos mais louvaveis da nossa musica popular. Orquestração bem caracteristica.

Victor — 34.313 — «Sereia» e «Folha por folha», macumba, de Getulio Marinho e João da Bahiana e seu conjunto. Eis duas gravações da melhor qualidade. O velho João da Bahiana mostra-nos de quanto é capaz dentro de seu elemento.

Victor — 34.316 — «São João do Rancho Fundo», samba-rumba e «Eu sou festeiro», rancheira. Raul Torres e sua Embaixada. E difficil engulir um samba-rumba. Nada póde haver de tão falso e tão tolo. Quanto á rancheira tem alegria caracteristica do genero, e nella Raul Torres vae menos mal.

Odeon — 11.593 — «Dia sim! Dia não!» marcha e «Cenario de Revista», samba ambos de Alberto Ribeiro. A cantora Aurora Miranda, que atravessou quasi um anno de lamentaveis insuccessos, tem nestas despretenciosas producções uma pequena opportunidade para se rehabilitar.

Odeon — 11.599 — «Restos de ventura», e «Como és linda sorrindo», valsas-canções de Gastão Lamounier e Mario Rossi, cantadas por Augusto Calheiros. Trata-se de uma verdadeira indignidade!

Odeon — 23.26 — «Loin des guitarres» — tango e «Chanson pour ma brune», marcha, do film «Ao som do violão, V. Scotto e Geo Koger. Ray Ventura e seus collegiaes mais uma vez mostram suas qualidades, e principalmente a sua contagiante alegria nessas producções que aliás não são lá grande coisa.

Odeon — 2334 — «Margie» — Quickestep Novelty — de Davis-Conraa Robinson e a (Chinatown, my Chinatown b) Limebeuse Blues — Foxs de a)Schawartz e b) Braham. Harry Roy, que anda fazendo actualmente a sua America na Argentina, que passou pelo Brasil, deu entrevistas, achou linda a Guanabara e prometteu na volta exibir sua grande orchestra, caso houvesse o dinheiro que elle péde para as suas exibições — é realmente um az do jazz synphonico. Nestas tres peças mostra um colorido que vai àlem da espectativa. A tão velha *Chinatown, my Chinatown* renova-se com uma força de extraordinaria sensibilidade. Harry Roy sabe aproveitar o seu material. Um disco optimo.

Odeon — 283.145 «You've Got Semething There» e «Love is in the air Tonight», foxs de Richard A. Whiting e Johnny Mercer do file «Aprenda a Sorrir». A voz sempre agradavel de Dick Powell encontra nestes foxes mais uma vez, opportunidade de consolidar o seu prestigio. Leu Forbes faz os acompanhamentos com uma segurança absoluta. Outro bom disco.

M. R.

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

NOEMY DA SILVEIRA RUDOLFER	Introdução á psychologia educacional . .	16$000
ALBERTO TORRES	A organização nacional	12$000
PAULO SETUBAL	O Principe de Nassau	6$000
CORNELIO PIRES	Conversas ao pé do fogo	6$000
MARTEN CUMBERLAND	Guerra sem piedade	4$000
ELINOR GLYN	O diario de uma aristocrata	4$000
ESTEVÃO PINTO	Os indigenas do Nordeste	12$000
CELIA RABELLO	Em casa de Vovó	4$000
CASSIANO RICARDO	Martim Cererê	7$000
H. H. BINNS	Daily Life	9$000
MILTON SILVA RODRIGUES	Educação comparada	12$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILISAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas
OUVIDOR, 110 — JOLYMPIO — 1.º MARÇO 13
23-2389 — 23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE MAIO

Oliveira Vianna — PROBEMAS DE DIREITO CORPORATIVO	20$000
Tristão de Athayde — IDADE, SEXO E TEMPO (Três aspetos da psicologia humana)	10$000
Maritain, Claudel e outros — OS JUDEUS (trad. de Jorge de Lima)	10$000
Conselheiro Macedo Soares — CAMPANHA JURIDICA PELA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS	12$000
Enéas Ferraz — ADOLESCENCIA TROPICAL — romance — (distribuição)	5$000

NOVIDADES DE ABRIL

José Lins do Rego — PEDRA BONITA, romance	10$000
Antonio Constantino — EMBRIÃO. romance	6$000
J. Ralpi — CONHECE-TE PELA PSICANALISE, 3.ª ed	10$000
Dra. Lily Lages — NOVOS RUMOS DA OTO-RINO-LARINGOLOGIA (illust)	25$000

NOVIDADES DE MARÇO

João Aphonsus — ROLA MOÇA, romance	8$000
Graciliano Ramos — VIDAS SECCAS, romance	6$000
» » — SÃO BERNARDO, 2.ª ed. romance	7$000
Danton Jobim — PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO, ensaios . .	6$000

NOVIDADES DE FEVEREIRO

Azevedo Amaral — O ESTADO AUTORITARIO E A REALIDADE NACIONAL	10$000
Isadora Duncan — MINHA VIDA, 2.ª edição	15$000
Gratia — ACANHAMENTO E TIMIDEZ, Trad. do Prof. Nelson Romero	8$000
Luiz Vianna Filho — A SABINADA, Col. Documentos Brasileiros, n. 8	12$000
Humberto de Campos — MEMORIAS, 10.ª edição	10$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

COLETTE

A Ingenua Libertina . . . 6$000

VIRIATO CORREA

O País do Pau de Tinta . 6$000

RAUL DE AZEVEDO

Vida dos outros . . . . . 7$000

JOAQUIM NABUCO

O Abolicionismo . . . . . 10$000

LIVRARIA CIVILIZAÇAO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de reembolso. Peça instrucções. Envia-se catalogo gratis.

A ILLUSÃO DO CEGO

Sobreira Salles estava commigo no cinema quando foi chamado pela sua ordenança:

— Seu dr. é móde uma encrenca de um cégo que se enforcou.

— Aonde, cabo?

— Lá pras bandas da Terra Vermelha. Num sitio.

— Esta agora! E eu sem poder ver a fita toda!

Sobreira levantou-se e saiu. Eu o acompanhei, tambem, curioso dessa historia de um cégo que se mata. Tomamos um velho automovel e partimos, deixando logo a cidade, atravessando a ponte, subindo por uma ladeira povoada de casebres, quasi todos já fechados, com a sua gente dormindo. De raro, uma luz de querozene ou um vulto na janella. E o carro, soprando forte para vencer a rampa. Agora, apenas arvores e roçados. Gado solto, chocalhando. E um friozinho que beliscava as nossas orelhas e os nossos narizes que as gólas das capas não cobriam. Viajámos uma meia hora assim. O chofér parara defronte de uma porteira que foi abrir.

Vimos logo o defundo pendurado. Um homem alto, entroncado, ainda moço.

— Faz pena!

Sobreira andou fazendo observações e, depois, mandou que tirassem dali o morto e o deitassem numa cama de lona, na sala. Convencera-se de que fôra suicidio mesmo. E, agora, queria era saber de alguma cousa que explicasse esse gesto do cego. Uma senhora idosa nos aparecera, com cara de chôro, assoando as lagrimas. Ella se sentara num marquezão ao nosso lado. Sobreira fez-lhe perguntas. Em resposta a velha declarou ser a mãe do suicida.

— Uma coisa mesmo, seu dr.! Por essas e outras é que muita gente não abre sua porta a todo mundo. Tem «bondades». Meu filho Paulino, que Deus perdôe, cegou em menino. Não era de nascença, não. Folguedos, não sabe? Foi brincar com polvora, num São João, e perdeu a vista. Mas nunca deixou de ser alegre e esperto. Tocava violão e conversava de fazer gosto. Quando ficou rapaz gostou muito de uma menina da idade delle, Maria das Mercês, que morava aqui perto. Ella era doida pelas modinhas que Paulino cantava, e, por sua vez, ella tambem tinha uma voz entoada! Paulino ficou apaixonado mesmo. Muitas vezes elle me dizia: «Mãe das Mercês é muito bonita, não acha?». Eu dizia que sim, que era. Casaram-se e ficaram morando commigo neste sitio. Felizes de verdade.

A velha fizera uma pausa. Surgira na sala a «viuva». Uma mulher magra, feia, sardenta. Esteve uns momentos junto do morto e como principiasse a se desesperar, puxando os cabellos e querendo se atirar no chão, levaram-na de novo para o quarto.

A mãe do suicida podera então proseguir na sua narrativa:

— Um dia passou por aqui um homem da cidade. Ia de viagem para o sertão e por causa de uma trovoada medonha, dessas que caem de repente e enchem todos os caminhos d'agua, abrigou esse homem a dormir na nossa casa e esperar que o rio desse passagem. Paulino conversou muito com elle. Mais tarde tocou violão e Mercês cantou as modinhas que sabia. Até tarde mesmo. O trovão roncando e a cantoria aqui nesta sala mesma. O viajante era uma dessas creaturas que falam muito, não sabe, seu dr.? Desses que meu finado marido dizia que tinham o coração na bocca. Eu chamo de bocca sem traméla. Vai dahi, no outro dia, perto de ir embora, porque o tempo melhorasse, elle disse a Paulino, pensando estar sozinho com o pobre do meu filho cégo: Voce teve sorte. Não tem sua vista mas achou uma mulher que é uma santa. Feia de cara, porém bonita de alma». Eu estava ali, naquelle canto de porta e ouvi tudo. Ouvi e vi. Paulino ficou branco como uma parede, sem dizer nada. Desde esse dia, foi entristecendo, foi se amofinando, foi perdendo o gosto da vida. Nunca mais tocou violão, nunca mais conversou. Até que fez aquillo...

Sobreira Salles murmurou:

— Mataram-lhe a illusão. Julgava que a mulher fosse bonita e...

— Foi mesmo, seu dr.

Não me contive que não fizesse tambem uma pergunta:

— E... ella sabe porque seu filho se matou?

— Das Mercês?

— Sim.

— Sabe não. Paulino nunca contou nada a ella e eu tambem tranquei minha bocca. Pra que festa?! Deixe a pobre maldar que o marido se matou por não poder ver o filho que vae nascer no mez de Senhora Sant'Anna.

MARIO SETTE

« O Presidente »

Por Vinicio da Veiga. — Edição Freitas Bastos, Rio de Janeiro, Brasil, 1937.

O autor escreveu esta obra em inglez sob o titulo de *Flying the Halfmoon;* a traducção brasileira foi feita pelo proprio autor, escriptor de bem conquistada fama e que occupa elevado logar na litteratura contemporanea, tanto pelas suas obras como pela qualidade de seus escriptos. O presente livro, em edição brasileira, publicada com o titulo de *O Presidente* que foi lançado pela Livraria Freitas Bastos, do Rio de Janeiro, é, como disse um de seus criticos, Herbert Hoover, «uma obra original e interessante do principio ao fim».

Tem um interesse de uma grande novella, a emoção da aventura e a critica acerba e merecida ao regimen penal e social de um paiz. Tudo isso apparece nas paginas de *O Presidente* que relatam factos não já verosimeis, mas sim vividos em scenarios como a famosa penitenciaria de Sing-Sing, a Casa Branca e outros logares da America do Norte.

John Marvin, figura principal desta novella, a um tempo romantica, policial e de aventuras, é um condemnado á cadeira electrica; sua semelhança com o governador de Nova York proporciona-lhe o meio de salvar a vida e chegar á presidencia do paiz em cujo exercicio realiza um programma benefico para o povo.

Seu encontro com o ex-governador, que um dia occupará seu logar numa cellulla de Sing-Sing e que foi salvo da cadeira electrica por elle, substituto e sósia, agita-lhe a consciencia e o faz tentar um suicidio; salvo e a sós com sua propria mulher, na actualidade mulher do ex-governador, quer revelar sua verdadeira identidade e collocar na presidencia aquelle a quem suplantou, mas a mulher o dissuade disso.

No desenvolvimento, admiravelmente feito, desta trama novellesca e de aventura, o autor revela tanto os males, as corruptelas e as injustiças de systemas como dos imperantes, especialmente dos Estados Unidos da America; as profundas evoluções que se realizam no mundo, como tambem as luctas que a humanidade mantem numa constante agitação.

Em meio de toda a trama novellesca, aventuresca e tragica dessa obra, ao lado da bem traçada figura do personagem principal, John Marvin, destacam-se duas figuras de mulher: madame Robertson e madame Marvin; uma ambiciosa de honras e figuração que requereu o divorcio quando Mister Robertson, o governador de Nova York, perdia terreno, mas que, encantada, volta a elle quando Marvin, que substituiu Robertson, conquistou a presidencia do paiz e ella pode ser a primeira dama; a outra, resignada á sua sorte de mulher de um condemnado á cadeira electrica, sente-se feliz junto a Robertson, ou Marvin, ou Brown numa vida modesta e longe das honrarias do mundo e da grandeza da presidencia do paiz.

Pelo que ficou dito, Vinicio da Veiga escreveu uma novella de verdadeira originalidade e de forte interesse, cujo assumpto foi descripto com maestria, naturalidade e clara noção da realidade immediata, que é um dos maís fortes aspectos da novella.

(Transcripto do periodico chileno «Las Novedades Literarias».)

Edição ARIEL:

CYRO MARTINS

SEM RUMO

Novella Gaúcha

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Sobejo da Cobra Grande

«Rudá, rudá
Ináka, pinaié,
Amaña reçaiçú...
Ináka pinaié,
Aineté Cunhã
Puxinéra oikó
Ne ummanuàra ce recé
Quará caarúca pupé»

(Couto de Magalhães — «O Selvagem»)

Dentro do socego da floresta deserta, o silencio povoado de fantasmas abre as suas negras azas aterradoras. No quiriri da matta virgem, onde o estalido das folhas seccas dansa entre os estrillos das corujas, dos caborés e das guaribas, dos tucanos, dos nhambús, dos arapapás e araçaris, adormece como um monstro da floresta o silencio da noite tropical. O por-do-sol começa ás 4 da tarde e ás 6 já é noite cerrada. Perto da matta, á beira do igarapé, debruçado sobre o espelho negro das aguas mansas, o rancho de palhas se agacha, transido de terror, á sombra pesada do crepusculo que o esmaga.

Luizinha sentada na ponte, com a sua saia de chita côr de rosa e a sua alva blusa de rendas, os peitos duros pulando sob a fazenda fina, a amendoa obliqua dos olhos sondando a treva n'uma inquietude, volve a cabeça côr de cobre para a curva do rio n'uma interrogação.

— Cá dê elle que não vem?

Luzindo na matta, os pyrilampos illuminam a sombra noturna.

No silencio crepuscular, o seu coração se aperta n'um presentimento. — Elle gostaria mesmo della? Tinha um mêdo.. E se elle a abandonasse? Dentro do seu espirito se formou um desejo secreto: que elle, ao se lembrar della, achasse feia todas as mulheres...

Todos os sabbados de tardinha, ella soffria as attribulações daquella anciedade. Ia para a ponte e longamente esperava. Antes da lua sahir geralmente Leoncio chegava. Ella, de longe, já conhecia a vela da «Andorinha» quando cortava, que nem um terçado, o verde da matta, na volta do igarapé. Leoncio era pontual — não faltava nunca. Passava a semana na cidade, no trabalho. Mas, sabbado, não perdia a viagem da «Andorinha» e ia dormir na «Bocca». Não sabia passar o domingo longe de Luizinha.. Naquelle sabbado, porém, atrazou-se de tal forma, que perdeu a viagem da «Andorinha». Ficou amollado com aquillo.

— Isto é o diabo!

Mas não tinha geito. Que havia de fazer? Iria no domingo de manhã, na «Bôa Esperança».

Não dormiu bem naquella noite. — Luizinha... que estaria fazendo Luizinha?... a primeira noite de sabbado que passava longe della! E se houvesse baile na casa de seu Chico? E se o filho do coronel Bento da Bemfica fosse ao baile e dansasse com Luizinha? Aquelle tratante estava perseguindo Luizinha — elle bem que via. Não sahia da «Bocca». E era uma amizade com seu Pedro, pae de Luizinha... Aquillo só podia ser interesse.

Rolou sem somno de um lado p'ro outro a noite inteira. Saltou da cama com a primeira cantada do gallo. E foi o primeiro a chegar ao Porto do Sal de madrugada.

— Anda depressa, pessoal! Desatraca.

A maré cheia lambia a ponte do Porto do Sal, onde estava encostada a canoa. A manobra foi rapida. Anastacio colheu a amarra. Leoncio, com um empurrão energico, afastou a canoa da ponte. Depois de gemer no visgo negro do tijuco, a «Bôa Esperança» dansou, de bubuia, na agua crespa do rio. A ponte recuou um metro.

— Larga!

A «Bôa Esperança», longe já da ponte, banzou um instante, hesitando, sob o açoite de vento forte que vinha da banda do Guamá.

O mestre Chico completou as ordens.

— Suspende a vela grande. Solta a bujarrona. Larga o traquete!

A canoa, n'um arranco, ganhou o largo. Soprava o vento forte da bocca do Guamá, agitando as aguas pardas da bahia. Não era o marajó, que sopra de tarde. Mas levava a embarcação. A canoa, guinando ás primeiras escaramuças do vento, tomou carreira, rumo da barra. Crenando sob o açoite brabo do «geral», deslizou adernada, para ganhar o meio do rio.

— Vamos mesmo pela beira, que o Guarajá tá zangado!

Passando quasi rente á bocca do Ver-o-Pêso, a canoa cortava agua deante do Mercado de Ferro. Tinha deixado atraz as garages do «Yole» e do «Remo», o Castello, a cidade velha. No vão quadrado do Ver-o-Pêso, dezenas de canoas, desde as casquinhas e as montarias leves, até as galeiras, as vigilengas, as gambarras possantes de 40 bois e 2 mastros, as baterias e batelões, de mastros ensarilhados, dormindo á beira dagua. Um cheiro de peixe pôdre espalhava nuvens de mosquitos dansando no tijuco.

O Mercado de Ferro era o bate-bocca das criadas e dos vendeiros.

— Esta pescada tá pôdre, mondrongo desalmado!

— Qual pôdre, qual nada! E do gelo!

— Esse tiquinho de popunha por dois tostões! que ladroeira!

— Quanto quer por este panciro de assahy?

— As mangas são bôas?

— Artigo especial.

— Já sei. São do cemiterio da Soledade!

— Não diga isso teteia!

— Teteia é sua mãe, mondrongo confiado, sem educação!

O vento ia levando de vagar a «Bôa Esperança».

Atraz, diluindo-se na distancia, iam ficando a algazarra do mercado, as ruinas do Castello, a alegria sportiva dos clubs de regatas, a barcaria do Ver-o-Pêso. A canoa contornava o costado negro dos grandes navios.

— «Anselm».
— E' da Booth.
— «Riozinho».
— Gaiola.
— Aquelle alli?
— E' um «vaticano» da Amazon River.
— E aquelle outro?
— E da Lamport.

Estendidos em linha, deante dos grandes armazens de ferro da Port of Pará, os transatlanticos, e os «gaiolas», e os costeiros, na claridade da manhã, são a decoração expressionista de uma allegoria do trabalho.

A' esquerda, a touceira verde da ilha das Onças, no mosquiteiro da neblina matinal. A' direita, a paizagem industrial de Val-de-Cães, povoada de mastros e chaminés, de «carreiras» e diques, de galpões de zinco e pontes de ferro, com o penacho das suas caldeiras toldando o céo claro. Adiante, entre meia duzia de pequenas ilhas decorativas, aparadas e redondas com touças de capim, a fortaleza da Barra. Depois, mais alem, sob a copa verde das grandes mangueiras antigas, o Pinheiro, com as suas pontes e os seus banheiros de pau-a-pique.

Com o vento manso que soprava de pôpa, a canoa ganhou cêdo o «furo», o Maguary, entre o Pinheiro e a ilha de Caratatêua. Nas margens do «furo», o Curro Modelo, as mattas, os sitios, montarias lentas de lenhadores e pescadores barcos de gado, a nodoa coagulada do tijuco.

As garças brancas e pardas descrevem arabescos ornamentaes sobre o rio, voando no céo limpo.

A canoa, na confusão daquelles furos e braços, vae navegando de vagar, entra no rio de Bemfica, dobra o cotovello, penetra na bocca do Maguary-assú.

O mangue se perfila no pantanal das margens, enterrando as multiplas raizes no tijuco reluzente, num esforço desesperado para não submergir. Os socós e as arirambas, os maçaricos e pavões,

descrevendo parabolas no céo, roçam as azas ligeiras sobre as aguas mansas do rio.

Um grupo ralo de casas pobres, na margem esquerda. Os caboclos, parados á beira do rio, sobre os barrancos de tabatinga, olham a canoa com uma curiosidade tranquilla, sem se moverem. E a povoação da «Bocca». Gente humilde. Uma unanime preguiça n'aquellas physionomias paradas. Encostados nas arvores ou nos esteios das barracas, mãos nos bolsos, cigarro de piquiri atraz da orelha, os homens olham o rio sem inquietação. As mulheres, acocoradas no chão, de saias enrodilhadas e presas no cós, fumam cachimbo. Outras, com os filhos de peito enforquilhados nas ancas, olham as canoas que passam.

A canoa abica no tijuco.

— Aguenta.

Leoncio apara a pancada, agarrando-se nos paos da ponte.

— Maré tá enchendo! Já deu a «crueira».

Leoncio gostava de espantar as aguas.

Banzando a voz no rythmo da canoa que balouçava, repetiu a velha toada dos canoeiros do Salgado:

«Vae-se a maré, depois vorta
Vae vortando inté qui encha.
São as aguas que peccaro.
Tão fazendo penitencia» (1).

Equilibrando-se na concha estreita do casco da canoa, que dansa em cima dagua, mestre Chico e Anastacio saltaram. Remanchando de proposito. Os outros se foram para a casa-grande, com todo o pessoal que estava na beira do rio. Leoncio amarrou a canoa, devagarinho, dando tempo ao tempo.

Até que Luizinha chegasse... Toda de branco, sorriso na bocca, flor no cabello, sacudindo as saias, ella havia de vir, como nos outros dias... Vinha como quem não quer nada...

— Bom dia, Luizinha.

— Achi, Voce por aqui?... Bom dia! Quando chegou?

— Cheguei agorinha mesmo.

— Oue há de novo no Pará?

— Nada, Luizinha, tudo véiu.

Cavavam-se silencios largos entre elles. Luizinha, arrancando as petalas amarellas duma flor sem nome, espreguiçava os olhos sobre o igarapé, numa ausencia, longe de tudo...

Passavam coisas pela cabeça delle. Pensamentos que se atropelavam. Largando num pulo agil a canoa, Leoncio saltou para a ponte.

— Oui é qui tá pensando, Luizinha?

— Nada.

E ia-se embora, aos pulos, contente, sem dizer adeus.

Mas naquella manhã Luizinha não veiu. Teria havido alguma coisa? Ia apostar que o filho do Coronel Bento estava na «Bocca». Ainda acabava fazendo uma asneira. Aquelle pelintra sem vergonha estava com más tenções... Luizinha? Era possivel que Luizinha désse tréla a elle? Depois, no espirito inquieto de Leoncio oscillava uma duvida perpetua... — «Luizinha gostaria mesmo de mim? Ella é tão exquisita! A's vezes, penso que ella gosta. Mas, de repente... Não, ella não gosta! Tambem, um consolo eu tenho: ella não gosta de mim, mas não gosta de ninguem! Por que aquella indifferença de Luizinha?» E elle soffria com o mysterio daquella natureza feita de curvas dôces e asperas arestas, que desconcertava e seduzia com o seu enigma todos os homens das redondezas.

Elle nunca tinha dito nada a Luizinha. Como é que ella havia de adivinhar? Estava resolvido: ia lhe fallar. Não passava daquelle dia. Aquillo assim é que não podia continuar... E caminhou para a casa-grande de seu Pedro, onde todo o pessoal da Bocca se reunia nos domingos para saber as novidades do Pará. Chegou lá e ficou desapontado. Luizinha nem lhe deu attenção. Estava conversando, animada, com o filho do coronel Bento do Bemfica. Sentiu um odio dentro do coração. Uma dôr fina lhe estalou nos pulsos...

Nem pôde falar, com a garganta encaroçada de raiva.

— Essa typa tá fazendo pouco de mim. Eu vou lhe dá um ensino...

Sentou-se junto da Paulina, filha do Antunes do Curro, para fazer raiva á Luizinha. Mas não soube dizer nada. Não podia falar...

Luizinha, conversando em voz alta, era contra o casamento.

— Casar? pra quê, gentes? E haverá homem que valha a pena se viver toda a vida com elles? Depois, homem não gosta de ninguem: se acostuma... Eu não quero me casar, porque não acredito em amor de ninguem!

Luizinha era instruida. Estudara no collegio da Quinta Carmita. E sabia falar com o desembaraço das moças da praça. Nem parecia do «sitio».

Ouvindo-a, Leoncio sentia o coração dar-lhe pinotes denro do peitto. Admiração e despeito se misturavam confusamente dentro do espirito delle.

— Fingida! rugiu na colera do seu silencio.

De subito, Leoncio propoz aos rapazes um passeio.

— Vamos, hoje de noite, tomá banho na cachoeira, pessoá?

— Vamos!

— Sahimos daqui na canoa, á boquinha da noite, e esperamos lá, nas pedras da cachoeira, o nascê da menhã.

— Você tá doido, Leonço! advertiu mestre Chico, com gravidade.

— Qui é qui tem?

— Apois, Vancês num sabem que na cachoeira do Maguary-Assú mora yara!

— Abusões, seu Chico!

— E mió qui vancês dizistam desse banho. Na cachoeira, á meia-noite, apparece a cobra grande! explicou um outro, com voz prudente.

— E' verdade, acrescentou Anastacio. Já ouvi dizê: a cachoeira foi um palaço, onde morava uma princeza. Compadre João Damasceno já topou lá cobra grande que queria beijá elle e quage le engole vivo...

Mas Leoncio estava resoluto:

— Qui nada! já dixe qui vou, vou memo. Quem tivé mêdo, fique. Eu vou sozinho! Quero vê o que a cobra grande faz comigo.

— Eu é que não vou! gritou o filho do coronel Bento. Não quero negocio com cobras pequenas, quanto mais com cobras grandes...

Do seu canto, Luizinha olhava calada. Uma interrogação e uma surpresa nos olhos.

Mas Leoncio não via nos olhos della nem surpresa nem interrogação — via desprezo. E queria, intimamente queria fazel-a soffrer. Se a cobra grande o matasse... — queria mesmo morrer...

E sentia um secreto prazer em pensar que Luizinha havia de soffrer com a sua morte. Porque ella havia de saber que elle fizera aquella doidice por causa della — e havia de ter remorsos...

Elle dava a vida por ver Luizinha chorando!

A boquinha da noite, quando a lua saltando, leitosa, por traz da matta, veiu derramar-se no zinco polido do rio, Leoncio gritou pelos companheiros.

— Anda, pessoá! Quen qué i, tá na hora! Vamo ao banho na cachoeira!

Ninguem attendeu. Todos os ouvidos se fecharam, surdos, para o convite que os apavorava como uma fatalidade.

— Tá doido, Leoncio! Entonces, filho do meu pae nasceu pra sê pasto de cobra grande?

Leoncio, porém, resoluto, correu para a ponte, com o «jacuman» no ombro, e pulou para dentro da montaria, que quasi ficou alagada.

— Antes só do que mal acompanhado!

Na ponte, cujo esqueleto de pau era uma sombra sinistra na claridade do luar, appareceu o vulto de Luizinha, toda de branco, flor no cabello, sacudindo a saia. Mas o sorriso? Esquecera o sorriso, e a boquinha, séria e fechada, era um botão de rosa.

— Leoncio, pra onde é que você vae?

Elle olhou-a, espantado, sem comprehender. Aquella voz, que lhe penetrava no espirito como uma revelação de confusos mysterios, abria-se-lhe de repente ao coração, harmoniosa e dôce, como

---

(1) — Raul Boop.

Musica

Esta columna está em falta com um necrologio, que já devia ter sido feito ha muito tempo, mesmo em vida do defunto, diriam certos criticos intelligentes. Trata-se de D'Annunzio. E' uma verdadeira temeridade escrever-se hoje em dia qualquer coisa sobre D'Annunzio fora da Italia.

Mas a esse perigo se acham expostos sobretudo os litteratos, e assim sendo, não será prova de muita coragem um chronista musical occupar-se desse fallecido personagem. Não se trata apenas de exaltar com justiça um escriptor cuja obra inspirou varios musicos. Isto, por si só, seria o bastante para justificar a entrada do creador do *Fogo* em qualquer diccionario musical, pois *La figlia di Iorio, La Nave, Francesca da Rimini, Fedra, Parisina, La Pisanella* e o *Martyrio de São Sebastião* serviram de motivo para outras tantas paginas musicaes, algumas das quaes bastante solidas. Mais importante que isso é assignalar o que havia de musical na alma do poeta anachronico. Não ha livro seu em que esse caracter não salte logo á primeira vista. Aliás muitos críticos se occuparam do assumpto, e entre elles o mais notavel foi André Cœuroy, absolutamente insuspeito aos modernistas, e cujas linhas achamos opportuno transcrever:

« . . . Por mais estrictamente « musical » que seja esta renascença italiana, devemos prestar homenagem á previsão de D'Annunzio, amigo de Malipiero e de Casella, legislador musical de Fiume, que viveu e prophetizou elle proprio aquella renascença. O emblema da nova vida musical italiana está em todos os seus livros, e é um appello a todos os musicos cansados pelos bandos puccinianos, leoncavallescos e mascagnescos. O *Fogo*, o *Triumpho da Morte?* um appello a Wagner. *Forse che si?* apello a Beethoven e a Hugo Wolf. O *Livro das Virgens?* appello a Bach. O *Innocente?* appello a Gluck. A *Lêda sem Cysne?* appello a Scarlatti. O *Envoi à la France?* appello ao alaudista André Guarnieri. O *Retrato de Loyse Baccaris?* appello a Debussy. «(Panorama da Música Contemporanea » — Ed. Cultura Bras.)

O bom gosto musical de D'Annunzio resgata a maioria dos seus exaggeros litterarios. Basta citar o seguinte: no *Prazer,* escripto quando elle tinha 24 annos, em 1888, cercado pelo maior atoleiro musical da época, os personagens só fallam em Boccherini, em Leonardo Leo, e outros classicos de primeira agua, num tempo em que tudo era Verdi.

Gloria pois ao musico Gabriel D'Annunzio.

Já estamos em meiados de maio e o chronista continua praticamente sem nada a registrar. O marasmo da nossa musica é quasi completo. No mês passado a Sociedade Propagadora de Musica Symphonica e de Camara deu o seu concerto inicial do anno em hora impropria, festejando o primeiro anniversario e homenageando o seu patrono Maestro Braga. Fóra disso, alguma coisa pelo radio, na Hora do Brasil, que está melhor orientada. Ouvimos, por exemplo, composições notaveis de Mignone, para quarteto de arcos. Recitaes, pode-se dizer que ainda não houve. Nada se annuncia officialmente, quanto aos extrangeiros. Falla-se vagamente em Backhaus. A unica noticia alviçareira foi dada pelo maestro O. Bevilacqua, que annuncia a formação de uma Sociedade de Solistas de Sopro, para estimular esses instrumentos tão mal tratados entre nós. Desejamos-lhe a mais robusta longevidade. E, por emquanto, mais nada.

C. de S.

— Obra curiosa de ler é *Divertissements, sports et jeux des rois de France*, de Henri Carré. O autor, official do exercito francez, conta ahi que, emquanto Luiz XIV era um caçador eximio, Napoleão era um atirador dos que nem sempre acertam no alvo. Tambem não são esquecidos no volume os jogos de azar e, a esse proposito, surgem detalhes dos mais interessantes sobre a rapinagem desenfreada que madame de Montespan, amante do Rei-Sol, exerceu em Versalhes.

— A Bretanha foi sempre uma região de temperamentos mysticos. A vida solitaria levou os bretões a povoarem os seus recantos de visões miraculosas. Era-lhes necessaria a presença de anjos e santos, uma vez que as creaturas reaes de Paris *só* faziam escorchal-os através das rudes exigencias do fisco. Essa mentalidade religiosa dos homens que vivem junto a um mar selvagem é claramente realçada por J. Herissay no volume *M. Cormeaux, Saint de Bretagne*. Optimas, nesse livro, as paginas que falam do amor com que os bretões defenderam sempre os seus altares, as crenças dos avoengos, indo até á guerra civil para que os templos de lá não fossem mutilados. Nem a ameaça do cadafalso, nos dias do Terror, os intimidava.

— O *Louis XI* de Robert Burnand é um album illustrado para creanças, mas que os adultos poderão percorrer com proveito. As figuras a côres são bastante attrahentes. Acima de tudo, porém, está ahi a lição de que aquelle soberano não foi apenas o scelerado, o carrasco, o hypocrita que nos habituámos a ver através de Delavigne e outros, tendo sido principalmente um sagaz estadista, um triturador de facciosismos nefastos, o homem que antes de Richelieu mais trabalhou pela unificação da França.

---

se fosse uma mão invisivel que lhe acariciasse a alma, pacificando-lhe a vida.

Não teve voz para responder. Olhou para ella, n'uma interrogação que era um extase.

— Que é isso, Leoncio? Você é criança para fazer uma loucura dessa?

E num tom imperativo, que era a um tempo supplica e perdão:

— Venha cá, Leoncio. Não faça besteira! Largue essa montaria, e venha cá, que eu quero lhe dizer uma coisa.

No dia seguinte seu Pedro espalhou na «Bocca» uma communicação importante: o noivado de Leoncio com Luizinha. Foi assumpto para uma semana.

— Então, o Leonço, aquelle subejo da cobra grande!

— Eu n'um dizia: escapou da yara da cachoeira, mas a Luizinha amarrou elle...

Quando Leoncio saltou no Porto do Sal, o mestre Chico gritou p'ra elle, com o peito aberto para um abraço.

— Eu num te dixe, Leonço, que si tú fosse á cachoeira a yara te agarrava... Tá ahi o qui tú quiria: cahi nas mão da yara do compadre Pedro!...

PEREGRINO JUNIOR

(Das «Historias da Amazonia»).

Acaba de apparecer:

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Em todas as livrarias ◆:◆ PREÇO: 4$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.

RIO DE JANEIRO

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.

Carlos Chiacchio — INFANCIA — Poesias — Edições Ala — Bahia.
Rodrigo Octavio (Filho) — A VIDA AMOROSA DE LISZT — Conferencia — Rio.
Sud Menucci — O PRECURSOR DO ABOLICIONISMO NO BRASIL (LUIZ GAMA) — Serie Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Sylvio Rabello — A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA CREANÇA — Série Actualidades Pedagogicas — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Gabriel Soares de Souza — TRATADO DESCRIPTIVO DO BRASIL EM 1587 — Commentarios de Varnhagen — Série Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Antonio Constantino — EMBRYÃO — Romance — Livraria José Olympio Editora — Rio.
Fernando Saboia de Medeiros — A LIBERDADE DE NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS — Série Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Renato Kehl — A EDUCAÇÃO DOS PAES — (A Acção educadora dos Medicos) — Rio.
Dante Costa — BASES DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Barros Ferreira — O MENINO SALVO DAS AGUAS — Companhia Melhoramentos de São Paulo.
Emilio Kemp — LUZ SUPREMA — Poesias — Livraria do Globo — Porto Alegre.
Tavares Franco — A ENCHENTE — Romance — Schmidt Editor — Rio.
Domingos Neves — O MEU SECRETARIO — A Noite Editora S. A. — Rio.
Nilo Bruzzi — DONA LUA — Poesias — A Noite Editora S. A. — Rio.
Pandiá Calogeras — FORMAÇÃO HISTORICA DO BRASIL — Serie Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Primitivo Moacyr — A INSTRUCÇÃO E O IMPERIO — 3.º Volume — Série Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Raymundo Moraes — OS IGARAÚNAS — Romance amazonico — Civilização Brasileira — Rio.
Castilhos Goycochêa — GUERRA DOS FARRAPOS — Civilização Brasileira — Rio.
Joaquim Nabuco — O ABOLICIONISMO — Civilização Brasileira — Rio.
Von Spix e Von Martius — ATRAVÉS DA BAHIA — Reedição — Série Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paélo.
Claude Farrère — OS CIVILIZADOS — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
J. Ralph — CONHECE-TE PELA PSYCHANALYSE — 3.ª edição — Livraria José Olympio Editora — Rio.
Nicolas Ségur — FLOR DO MAL — Séric «Os Mestres do Amor» — Civilização Brasileira — Rio.
Alfredo Dante Gravina — SANGRE EN LOS SURCOS — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevidéo.
DIRECTRIZES — Revista de Politica, Economia e Cultura — Numeros 1 e 2 — Rio.
ESPHERA — Revista de Lettras, Artes e Sciencias — Numero 1 — Rio.

Helio Vianna — *Rio de Janeiro seen in a few hours* — Touring Club do Brasil — Rio.

Em cuidadosa traducção da sra. Mary Lee da Rocha, tivemos ensejo de avaliar dos meritos deste guia para turistas, que o nosso patricio sr. Helio Vianna organizou de modo tão conciso quanto seguro. O autor é sociologo e historiador mais de uma vez louvado nas columnas deste *Boletim*, mas a correcção com que se desobrigou da tarefa de agora demonstra que mesmo a tarefas de menor preeminencia sabe elle dar escrupulo e attenção inexcediveis. O sr. Helio Vianna é dos que não brincam sempre que está em jogo o nome do Brasil, a necessidade de bem servir o Brasil.

Biblioteca de Novelistas Brasileiros

Annunciados para Maio, talvez já tenham apparecido, em Buenos Ayres, os dous primeiros volumes desta collecção, dirigida por Benjamin de Garay, e que se propõe a divulgar na republica vizinha e amiga, uma pleiade de escriptores brasileiros. *Rei Negro*, de Coelho Netto, e *A Amazonia Mysteriosa*, de Gastão Cruls, abrirão a serie, seguidos logo depois por *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, *Salgueiro*, de Lcuio Cardoso, um dos romances do «Cyclo da Canna de Assucar», de José Lins do Rego, e outros autores patricios. *Rei Negro*, de Coelho Netto, foi traduzido pelo Sr. Luis Onetti Lima e é deste escriptor a nota que inserimos noutro local, de apresentação do seu trabalho, e que deverá apparecer num folheto de propaganda da Bibliotheca. Coube a Benjamin de Garay verter para o castelhano o romance de Gastão Cruls, e tambem neste numero do *Boletim* temos o prazer de publicar o prefacio que para o mesmo escreveu o conhecido escriptor argentino, a quem já tanto devem as lettras nacionaes.

Carlos Chiacchio — *Infancia* — Edições Ala — Bahia.

Está ahi, finalmente, o magnifico livro de versos que todos esperavam do admiravel critico dos jornaes bahianos. *Infancia*, de Carlos Chiacchio, mostra em boa hora que ao julgador das estrophes alheias não faltava uma grande riqueza poetica pessoal. São vozes do garoto que brincou em terras de Minas, mas tambem do pensador adulto que tanto tem feito pelo serviço do espirito na região de Castro Alves.

Carlos Alberto Nunes — *Os Brasileidas* — Elvino Pocai — Editor S. Paulo.

Segunda edição de um poema que o sr. Afranio Peixoto festejou com visivel exultação, dando-o como destinado a resuscitar um genero desapparecido entre nós. O sr. Carlos Alberto, maranhense dos mais cultos, é um épico e um artista de extrema polidez litteraria. Sua plasticidade e fertilidade verbal impressiona-nos.

Ruy Sant'Elmo — *Alma rude* — Livraria Sá da Costa — Lisboa.

Graças á gentil offerta da Sociedade Luso-Africana do Rio, temos este novo livro de um escriptor portuguez a que já nos referimos no *Boletim de Ariel* de setembro de 1937, a proposito do romance *Má sorte*. *Alma rude* é uma collecção de contos onde a flagrancia de certos detalhes rusticos, de uma belleza por assim dizer virgiliana, esbate o impeto dos crimes e dos vicios. Bem merecidos os louvores de um Theophilo Braga a esse autor.

Rodrigo Octavio (filho) — *A vida amorosa de Liszt* — Rio.

Muito bem descripta a infancia de Liszt e fixado com um relevo incommum o que houve de apostolico na sua dedicação á musica de Wagner. A parte referente aos amores do grande pianista, no seu contacto com George Sand, Lola Montés e, especialmente, com madame d'Agoult, é de quem sabe aclarar os velhos textos com uma sensibilidade bem moderna.

Joaquim Nabuco — *O Abolicionismo* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Agora que se está commemorando o cincoentenario da Abolição convém recordar o que disse Joaquim Nabuco de assumpto de tanto relevo historico para nós. Assumpto que elle conhecia como nenhum outro, visto como lhe absorveu grande parte da vida e o levou a combates oratorios que o nimbaram de cavalheirismo aos olhos das multidões.

Raymundo Moraes — *Os Igaraunas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

O nome que ahi fica é o de um dos maiores escriptores vivos do Brasil. O sr. Raymundo Moraes apresentou-nos a *Planicie amazonica* e isso bastaria para garantir-lhe localização duradoura em nossa historia litteraria. Mas seus livros subsequentes são de alguem que ainda não exgottou o seu veio, ainda não se repete, ainda não carece de applicar ao seu estylo a maquilhagem que denuncía uma proxima velhice intellectual. Correr-lhe qualquer trabalho novo importa sempre em horas de jubilo para os que sabem ler. E mesmo os seus adversarios não poderão negar que é elle hoje o grande historiador, o grande poeta, o grande pintor do Amazonas.

A "Brasiliana" offerece ao publico do nosso paiz a reedição de um livro famoso:

Tratado descriptivo do Brasil em 1587

de GABRIEL SOARES DE SOUZA

acompanhado dos commentarios de VERNHAGEN

●

Gabriel Soares de Souza, colono do reino de Portugal em terras do Brasil, pretendeu escrever um panorama completo do viver brasileiro em pleno seculo 16. O livro é este «*Tratado descriptivo Brasil*», decerto uma das obras basicas da nossa cultura. Todos conhecem o esforço desenvolvido pelo grande historiador Francisco Adolpho de Varnhagen afim de completar e enriquecer o texto deste trabalho: foi um esforço gigantesco, exercido em quasi toda a Europa, em um milagroso trabalho de erudição e de pesquiza. Mas, proveitosa atividade— o resultado foi a publicação do texto integral do livro de Gabriel Soares, que agora a *Brasiliana* lança em 3.ª edição!

Ler o «Tratado descriptivo do Brasil» é assenhorear-se de todos os aspetos da vida brasileira dos primeiros tempos, é recuar até os dias do descobrimento, é receber, de chôfre, uma mensagem verdadeira e imprevista do Brasil recem-descoberto. Gabriel Soares tudo vio, tudo anotou. E tudo contou num estylo de uma graça pittoresca que faz da leitura deste livro uma diversão amena. E' um livro em que ha linguistica, mineralogia, geografia, alimentação, moral, etnografia, botanica, usos e costumes, sociologia, geografia humana, historia natural, medicina, arqueologia, organização economica, vida indigena em todas as suas manifestações materiaes e espirituaes, vida de colono, vida do seculo XVI em toda a sua curiosa physionomia, em toda a sua estranha revelação!

Trata-se, sem duvida, de um livro essencial para a nossa cultura. Talvez o livro mais significativo do Brasil em todos os tempos!

Volume brochado: 15$000.

COMPAHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — BAHIA — PORTO ALEGRE

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

OS INDIGENAS DO NORDESTE — Vol. 112 — *Estevão Pinto.*

O interesse pela cultura indigena do Brasil, assunto que parecia esquecido, volta a interessar os nossos homens de cultura, notando-se, de 1934 para cá, um acentuado pendôr por estas pesquizas.

Ao lado de Roquette Pinto, Angyone Costa e outros eminentes estudiosos desse palpitante problema situa-se sem duvida nenhuma, o prof. Estevão Pinto, com a publicação desta parte final do seu trabalho sobre «Os indigenas do Nordeste». O 1º volume já surgio ha muitos mezes. Agora, neste 2º volume da sua erudita obra, o dr. Estevão Pinto estuda, principalmente, a vida economica, as creanças religiosas, e outros aspectos sociaes do viver do indigena brasileiro. Trata-se de um livro de solida estrutura, onde o seu autor retrata a cultura indigena do nordeste, fazendo obra de densa solidez, digna da «Brasiliana», onde passará a figurar ao lado da «Rondonia», da «Introdução á Arqueologia Brasileira», dos livros de Couto Magalhães e de outras obras que a Cia Editora Nacional tem editado sobre a cultura indigena brasileira.

O trabalho do prof. Estevão Pinto — «Os indigenas do Nordeste» — em dois volumes, está, portanto, oferecido ao publico brasileiro. E é um motivo de justo orgulho para todos os que se interessam pelo desenvolvimento da cultura em nosso paiz: é alguma coisa de muito significativo lançado em territorio cultural que tão poucos palmilham entre nós. Broch: 12$000

O PRECURSOR DO ABOLICIONISMO NO BRASIL — Vol. 119 — *Sud Menucci.*

Luiz Gama, homem pobre, homem de raizes humildes, foi das mais intensas e eficazes e ele poude morrer 7 abolicionista no Brasil. A sua ação, tão pouco conhecida, foi das mais intensas e eficazes e ele poude mover 7 annos antes da Abolição com a certeza de ter lançado uma semente em terreno propicio.

A 24 de Agosto de 1882, na catolica e friorenta São Paulo, que naquele tempo possuia apenas os seus 50.000 habitantes, Luiz Gonzaga Pinto da Gama faleceu, e a agitação abolicionista começava, já ardente, já impetuosa, deixando prever a sua historia livre. Mulato, moleque engeitado pelo pai, Luiz Gama teve uma morte de grande homem: a multidão densa levou-o ao tumulo, o governo corria a homenageal-o, todo o paiz sofria com o seu desaparecimento.

Foi tiral-o da penumbra o Sr. Sud Menucci, e trazel-o de novo para a nossa admiração e o nosso convivio atravez deste livro. E' o livro de um escritor amavel. A vida de Luiz Gama transforma-se num romance. A verdade humana está respeitada, a historia nunca é desmentida, mas a prosa é sempre amena, a forma literaria é sempre de um enorme poder de seduzir.

Broch: 9$000

A ORGANIZAÇÃO NACIONAL — Vol. 17 — *Alberto Torres.*

A obra de Alberto Torres é por demais conhecida em nosso paiz. Este mesmo livro já foi lido avidamente pelo nosso publico, forçando assim, a reedição de um dos primeiros volumes que a «Brasiliana» lançou.

Aqui se encontram as paginas mais profundas de Alberto Torres, aquellas que ele escreveu de olhos abertos sobre o Brasil, pensando no Brasil, trabalhando pelo Brasil. O livro está dividido em 3 partes: «A terra e a gente do Brasil», «O governo e a politica» e «Da revisão Constitucional». Como se vê é uma obra de interesse perenne.

Obra de um pensador, e de um homem de estado, a «Organização Nacional» deve ser lida por todos aqueles que aspiram por um Brasil melhor. E um livro de critico, mas de critica digna: de construção. — Broch: 12$000.

A LIBERDADE DE NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS — Vol. 122 — *Fernando Saboia de Medeiros.*

Eis um trabalho de interpretação historica, de profundo interesse para todos os estudiosos brasileiros, inclusive e especialmente pera os estudiosos de direito internacional.

O autor estuda desde a evolução do regime juridico dos rios internacionaes até, o panorama das nossas relações entre o imperio e os Estados Unidos da America do Norte.

Estamos em uma hora de fertil pan-americanismo. Todos os problemas passiveis de solução, em nossa America estão reclamando a atenta meditação dos homens de responsabilidade publica e o interesse de todos os conscientes.

O Dr. Fernando Saboia de Medeiros projecta uma luz vivissima sobre uma das faces mais importantes da nossa vida economica, qual seja a relativa á navegação do Amazonas, e sobre um problema de importancia historica e internacional incontundivel.

broch: 9$000

ATRAVEZ DA BAHIA — Vol. 118 — *Von Spix e Von Martius.*

Ficamos devendo a Martius, o botanico eminente, um dos mais serios livros referentes ao Brasil do seculo passado. As impressões que o famoso sabio recolheu em sua obra «Reise in Brasilien» atestam o seu amôr pela nossa terra e a agudeza da sua observação.

Viajando longamente, de 1817 a 1820, cruzou quasi todo o paiz, procurando comprenender-nos e estudando os materiaes que o seu olhar ia descobrindo. Agora, neste livro «Viagem á Bahia», lança a «Brasiliana» a parte referente ás viagens que emprehendeu pela terra bahiana. E apenas uma parte das suas viagens pelo Brasil, mas talvez a mais interessante e uma das menos conhecidas do nosso publico por isso que não traduzidas ainda para nenhuma lingua latina. Tradução do Dr. Pirajá da Silva broch: 10$000.

EDIÇÕES DA **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Bahia — Porto Alegre

JOAQUIM NABUCO

13 DE MAIO

Não deixe de adquirir este mez, quando se commemora o Centenario da Abolição da Escravatura no Brasil, um ou todos os volumes das «Obras Completas de Joaquim Nabuco», que a Civilização Brasileira S. A. vem editando e acaba de lançar no mercado brasileiro.

O grande escriptor brasileiro, uma das grandes vozes — e talvez a mais pura — que se levantaram pela defeza da abolição, merece ser recordado nesta hora de rememoração civica.

Leia as obras do grande pensador e estylista brasileiro:

UM ESTADISTA DO IMPERIO

O grande livro em que Nabuco estuda toda a vida social e politica do Imperio, traçando a biographia do seu pae, o conselheiro Nabuco de Araujo. E' todo o panorama do Brasil Imperial, agitando-se as figuras de relevo na politica, na litteratura, como todos os sectores da vida nacional daquella época. A vida de um brasileiro illustre contada por seu filho — um dos maiores brasileiros.

Broch. (2 grandes vols.) . . . . . 50$000.
Encad. (2 grandes vols.) . . . . . 80$000.

MINHA FORMAÇÃO

A obra prima, o grande livro de emoção e de pensamento, que nos legou a pena de Nabuco. Encontra-se em suas paginas o famoso trecho em que elle recorda a sua infancia passada no Engenho de Massangana.

Brochura 8$000.
Encad. simples 15$000.
Encad. de luxo 18$000.

PENSAMENTOS SOLTOS

A primeira traducção da famosa obra de Nabuco, publicada inicialmente em francez sob o titulo «Pensées Détachées». Traducção, feita especialmente para a Civilização Brasileira S. A., pela propria filha de Nabuco, a escriptora Carolina Nabuco.

Brochura 10$000.

BALMACEDA

Um dos livros mais procurados do grande pensador brasileiro. Exgottado ha muitos annos, a iniciativa da Civilização Brasileira S. A. foi a realização de um velho desejo de todo o publico da nossa terra.

Brochura 7$000.

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

Bibliotheca Medica Brasileira

Os medicos brasileiros possuem agora uma grande bibliotheca de livros especializados, editados em serie, reunidos numa systematização ampla, que abrange desde o manual pratico, o pequeno livro util ao estudante ou ao medico á cabeceira do doente, até os grandes tratados e as monografias de exgotante documentação.

A *«Bibliotheca Medica Brasileira»*, que a Cia. Editora Nacional entregou á direção do Dr. Barbosa Corrêa, oferece a todos os especialistas, aos clinicos e aos cirurgiões, preciosos livros de consulta, praticos compendios de estudo, resumidas lições, exgotantes pesquizas, divulgando o trabalho dos laboratorios, a observação clinica, as novidades therapeuticas, as experiencias dos hospitaes e dos laboratorios daqui e do estrangeiro, atravez dos seus livros, escriptos por illustres scientistas brasileiros ou por mestres de fama mundial.

Lançando os livros dos mais ilustres professores e medicos brasileiros a Cia. Editora Nacional procura trabalhar, com enthusiasmo e honesta preocupação, em pról do desenvolvimento das sciencias medicas em nosso paiz. A medicina caminha pela mão dos pesquizadores, dos clinicos, dos que facilitam a comprehensão das grandes questões medicas, difundindo uma ciencia de tão profunda dignidade. Anteriormente a Cia. Editora Nacional já lançará outras publicações de rara significação, desde os trabalhos de Afranio Peixoto, Clementino Fraga, Raul Bricquet, Fernando de Magalhães, Leonidio Ribeiro, até os recentes livros de Josué de Castro, Dante Costa, Ruy Coutinho, para citar entre os ultimos, apenas, os que se dedicam ao palpitante problema da alimentação. Agora a Cia. Editora Nacional desenvolve a sua atividade editorial entre os medicos, e organiza, corporifica, dá unidade e lança uma bibliotheca de livros rigorosamente medicos, destinados aos medicos e aos estudantes de medicina do Brasil e de Portugal.

A *Bibliotheca Medica Brasileira,* constituida apenas de livros de indiscutivel valor para os medicos, está dividida em 5 series: serie I — *«Manuaes Praticos»* (guias preciosos da atividade clinica diaria); Serie II *«Monografias»* (estudos especializados referentes a questões de interesse vivo em nossa medicina); Serie III *«Compendios e Tratados»* (grandes volumes panoramicos, sobre as varias questões medicas); Serie IV *«Cursos e Lições»* (aulas praticas para estudantes); Serie V *«Cultura Medica»* (vulganização, erudita, das mais recentes aquizições cientificas).

Em qualquer livro da BIBLIOTHECA MEDICA os medicos e estudantes de medicina encontrarão: ciencia rigorosa, bom vernaculo, apresentação material impecavel.

Serie I — MANUAES PRATICOS:

CLINICA E THERAPEUTICA DAS MOLESTIAS DO LACTENTE — *Dr. Olindo Chiaffarelli* — Encad. 20$000.

DIAGNOSTICO DIFFERENCIAL DAS AFFECÇÕES DO APPARELHO DIGESTIVO — *Dr. Luiz R. Grote* — Encad. 15$000

OTORINO LARINGOLOGIA PRATICA — *Dr. P. Mangabeira Albernaz* Encad. 22$000.

UROLOGIA — *Prof. Augusto Paulino* — Encad. 20$000.

TUBERCULOSE PULMONAR — *Prof. Hans Dietlen* Encad. 18$000.

DIAGNOSICO DIFFERENCIAL DAS MOLESTIAS INFECCIOSAS — *Dr. Alberto Herz,* Encad. 15$000.

EXAMES MEDICOS NOS ESPORTES *Dr. Arno Arnold,* Encad. 15$000.

A ENTUBAÇÃO DUODENAL NO DIAGNOSTICO E NA THERAPEUTICA — *Dr. Piero Girandi* — Encad. 18$000.

Serie II — MONOGRAPHIAS:

VITAMINAS E AVITAMINOSAS — *Dr. Vicente Baptista* Encad. 25$000.

MEGAESOFAGO — *Dr. Alipio Corrêa Neto* — Encad. 22$000.

ICTERICIAS — Dr. J. Mendonça Cortez — Encad. 30$000.

DIAGNOSTICO DOS ANEURYSMAS DA AORTA THORAXICA — *Drs. Geraldo de Andrade e Aguinaldo Lins* Encad. 30$000.

Serie III — COMPENDIOS E TRATADOS:

COMPENDIO DE PEDIATRIA — *Dr. Kwitz, Eckstein, Freudenberg, GYorgi, etc.* — 1º e 2º volumes Cada volume encad.: 38$000.

GRANDULAS SEXUAES E HIPOPHISE ANTERIOR — *Dr. Thales Martins* Encad. 50$000.

CORAÇÃO E VASOS (Semiologia) — *Dr. Pedro Cossi* Encad. 40$000.

THERAPEUTICA CLINICA — *Prof. Harry Beckman* Encad. 45$000.

DIAGNOSTICO DIFFERENCIAL DAS MOLESTIAS DA PELE E VENEREAS — *Dr. Paulo Tachane* — Encad. 60$000

Serie IV — CURSOS E LIÇÕES:

LIÇÕES DE ELECTROLOGIA — *Jairo Ramos* — Encad. 35$000

Serie V — CULTURA MEDICA:

A CRIANÇA — *Dr. Octavio Gonzaga* — Encad. 30$.

HYGIENE DA PRIMEIRA INFANCIA — *Dr. Pedro de Alcantara* Encad. 25$000

Estes livros, de autoria de eminentes mestres nacionaes e estrangeiros, destinam-se a todos os medicos de lingua portugueza, e vêm obtendo, de parte delles, quer no Brasil, quer em Portugal, uma honrosa preferencia, uma desvanecedora acolhida.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — BAHIA — PORTO ALEGRE

37925

O mais completo Livro de Cosinha

EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Differente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Môlhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
Carnes	Toddys	Bolachas
Caças	Egg-Noggs	Rosquinhas
Aves	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

Arte de Confeitar

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessôa em sua casa, fazer doces, biscoutos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Volume cartonado 14$000

PEDIDOS A' **CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A**

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP"

MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS!

CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO

Est. Graficos MUNIZ — Monc. Filho, 48 — Rio (15349)